

# CLIVE CUSSLER

## Mediterrâneo



*Tradução de Luís Coimbra*



CLIVE CUSSLER cresceu em Alhambra, Califórnia. Durante dois anos estudou no Pasadena City College e depois alistou-se na força aérea durante a Guerra da Coreia, onde cumpriu serviço como mecânico, engenheiro e técnico de voo.

No regresso tornou-se director criativo em duas agências de publicidade multinacionais, onde ganhou vários prémios, um deles atribuído pelo prestigiado Cannes Film Festival.

Cussler escreve desde 1965 e entre o seu trabalho encontramos 2 livros de não ficção que lhe valeram um Doctor of Letters Degree em Maio de 1997. Tal graduação não era atribuída desde 1874.

Cussler é o fundador da NUMA (National Underwater & Marine Agency) uma organização não-lucrativa que se dedica à investigação da história marítima e naval. Cussler e os seus peritos da NUMA descobriram mais de 60 navios afundados, oferecendo o fruto do seu trabalho a universidades e governos um pouco por todo o mundo. Foi honrado com vários prémios de clubes de exploradores americanos e até ingleses pelo seu trabalho de exploração sub-aquática.

Hoje divide o seu tempo entre as montanhas do Colorado e os desertos do Arizona.

Visite a nossa página para mais informação sobre este autor invulgar. Saiba os seus *hobbies* e o que descobriu.

Paul Kemprecos foi co-autor dos romances dos Ficheiros NUMA Morte Branca, Serpente, Ouro Azul e Gelo Ardente, tendo vencido o prémio Shamus pela autoria de seis *thrillers* subaquáticos. É também um mergulhador certificado e trabalhou como repórter, colunista e editor. Vive no Massachusetts.

JÁ PUBLICADOS:

SERPENTE  
OURO AZUL  
GELO ARDENTE  
CIDADE PERDIDA  
MUTAÇÃO POLAR  
MORTE BRANCA

*Para Amy e Eric,  
bons ventos vos acompanhem por muitos anos.*



## Prólogo

ESTAVA UM CALOR INFERNAL E ERA DOMINGO. NA TORRE DE CONTROLO, O controlador de tráfego aéreo da Base Brady da Força Aérea norte-americana acendeu um cigarro com a ponta ainda em brasa de outro, apoiou os seus pés calçados só com meias em cima do aparelho de ar condicionado portátil e esperou que acontecesse alguma coisa.

Estava absolutamente enfasiado, e tinha boas razões para isso. O tráfego aéreo era fraco aos domingos. Aliás, era quase inexistente. Raramente os pilotos da força aérea e as suas aeronaves voavam no Teatro de Operações do Mediterrâneo nesse dia da semana, particularmente naquela altura, em que não se perspectivava qualquer agitação política no panorama internacional. De tempos a tempos, lá aterrava ou descolava um ou outro avião, mas geralmente não passavam de paragens rápidas para reabastecimento do meio de transporte de um VIP qualquer, cheio de pressa para chegar a uma conferência algures na Europa ou em África.

Pela décima vez desde que começara o seu turno, o controlador de tráfego aéreo percorreu com o olhar o grande quadro preto que exibia o calendário de voos. Não havia nenhuma partida marcada, e a única chegada prevista estava marcada para as 16h30, dali a quase cinco horas.

Era jovem – tinha vinte e poucos anos – e desmentia cabalmente o mito segundo o qual os loiros não se conseguem bronzear como deve ser; toda a pele que tinha exposta era da cor de nogueira escura,

pontilhada com pêlos loiros platinados. Os quatro galões que usava na manga do uniforme denotavam a patente de Primeiro-Sargento, e, embora a temperatura ambiente roçasse os trinta e sete graus, a sua farda de caqui não apresentava nenhuma mancha de suor na zona das axilas. Tinha o colarinho da camisa aberto e sem gravata; um hábito geralmente autorizado nas bases da Força Aérea situadas em climas quentes.

Inclinou-se para a frente e redireccionou as saídas de ar do aparelho para o vento fresco lhe soprar pelas pernas acima. Esta nova posição pareceu deixá-lo satisfeito e aquele arrepio refrescante fez com que sorrisse. Depois, entrelaçando as mãos atrás da cabeça, recostou-se, descontraído, a olhar para o tecto revestido de metal.

Veio-lhe à ideia a imagem sempre presente de Minneapolis e das moças que se passeavam na avenida Nicollet. Tornou a contar os cinquenta e quatro dias que lhe faltava aguentar antes de regressar aos Estados Unidos. Cada dia que passava era cerimoniosamente assinalado num bloquinho preto que trazia sempre no bolso do peito.

Bocejando pela que talvez tenha sido a vigésima vez, pegou num par de binóculos que se encontrava poisado no peitoril da janela e passou em revista os aviões em repouso na pista escura de alcatrão que se estendia aos pés da torre de controlo elevada.

A pista situava-se na ilha de Thássos, no Norte do Mar Egeu. A ilha estava separada do território continental da Macedónia grega por dezasseis milhas marítimas, apropriadamente designadas por Estreito de Thássos. O território de Thássos consistia em quatrocentos e quarenta quilómetros quadrados de rochedos, floresta, e vestígios da História Clássica que remontavam até ao ano mil A.C.

Brady Field, como era geralmente conhecida entre o pessoal da base, foi montada ao abrigo de um tratado entre os Estados Unidos e o Governo grego em finais da década de sessenta. Exceptuando dez jactos F-105 Starfire, as únicas aeronaves com residência permanente no local eram dois monstruosos C-133 Cargomasters, aviões de transporte que jaziam na pista como um par de baleias gordas e prateadas, reluzindo ao sol intenso que ardia sobre o Egeu.

O Sargento apontou os binóculos para os aviões estacionados e procurou sinais de vida. A base estava vazia. A maior parte dos homens encontrava-se a beber cerveja na povoação vizinha de Panaghia, a apanhar banhos de sol na praia, ou ainda a passar pelas brasas nas casernas com ar condicionado. Só um PM solitário, de guarda ao portão principal, juntamente com as rotações constantes das antenas de radar em cima do seu *bunker* de cimento, dava algum indício de

presença humana. Levantou os binóculos lentamente e espreitou por sobre o mar azul. Estava um dia soalheiro, sem nuvens, e era-lhe fácil distinguir pormenores na longínqua Grécia continental. Os binóculos desviaram-se para leste, percorrendo a linha do horizonte onde o azul-escuro das águas se encontrava com o azul-claro do céu. Através do véu difuso criado pelas ondas de calor, surgiu à sua vista um ponto branco que era um navio fundeado. Semicerrou os olhos e ajustou o anel para focar as lentes de modo a perceber o nome inscrito na proa da embarcação. Foi capaz de distinguir com alguma dificuldade as minúsculas palavras pretas: *First Attempt*.

Que nome tão estúpido, pensou. Escapou-lhe o seu significado. O casco do navio estava também manchado com outras marcações escuras. Em longas linhas negras, carregadas, que o atravessavam a meio do casco, lia-se na vertical as letras NUMA, que ele sabia corresponderem a National Underwater Marine Agency<sup>1</sup>.

Erguia-se uma enorme grua na popa da embarcação, inclinada para a água de cujas profundezas içava um objecto arredondado, semelhante a uma bola. O Sargento via homens atarefados à volta da grua e sentiu-se internamente satisfeito por haver civis que também tinham de trabalhar ao domingo.

De repente, a sua investigação visual foi interrompida por uma voz robótica que lhe chegou através do intercomunicador.

— Estou, Torre de Controlo, fala Radar... Escuto!

O Sargento poisou os binóculos e premiu um botão para activar o microfone.

— Daqui Torre de Controlo, Radar. O que foi?

— Contacto visual a cerca de dez milhas, direcção oeste.

— Dez milhas a oeste? — vociferou o Sargento. — Isso fica mais para o interior da ilha. Esse contacto está praticamente em cima de nós. — Virou-se e tornou a ler o que estava escrito no grande quadro preto, assegurando-se de que não havia nenhum voo previsto. — Para a próxima, veja se avisa mais cedo.

— Não faço a mínima ideia de onde veio — arrastou-se a voz vinda do *bunker* do radar. — Nas últimas seis horas não apareceu nada no visor, em nenhuma direcção, num raio de cem milhas.

— Então, das duas uma: ou têm de abrir melhor as pestanas aí em baixo, ou têm de mandar arranjar a porcaria do equipamento — reclamou o Sargento. Largou o botão do microfone e pegou nos binóculos. Depois levantou-se e olhou para ocidente.

---

<sup>1</sup> Agência Nacional Subaquática e Marítima

Lá estava ele... um pontinho preto a sobrevoar as colinas a baixa altitude, rente às copas das árvores. Vinha devagar; a menos de cento e cinquenta quilómetros por hora. Por alguns instantes, pareceu ficar suspenso sobre o solo, e depois, quase de imediato, os seus contornos começaram a ganhar forma. O desenho das asas e da fuselagem tornou-se perfeitamente nítido através dos binóculos. Suficientemente nítido para ser inconfundível. O Sargento ficou de boca aberta, pasmado, enquanto o martelar do motor de um velho biplano monolugar, rematado com trem de aterragem fixo e rodas com raios, rompia o ar seco sobre a ilha.

Excepção feita ao motor saliente, com cilindros em linha, a fuselagem tinha formas aerodinâmicas que se afunilavam nas extremidades a partir dos dois lados rectilíneos da carlinga aberta. A enorme hélice de madeira batia o ar como se fosse um moinho antigo, arrastando aquela relíquia da aviação sobre o terreno em velocidade de tartaruga. As asas eram revestidas de um tecido que se agitava ao sabor do vento e tinham os bordos de fuga ondulados característicos de antigamente. Desde o cone que encerrava o cubo da hélice até às pontas de trás dos lemes de profundidade, a aeronave estava totalmente pintada de um amarelo vivo e flamejante. O sargento baixou os binóculos no preciso momento em que o avião, assinalado com a famosa cruz de Malta que identificava os alemães na Primeira Guerra Mundial, passou em voo rasante pela torre de controlo.

Noutras circunstâncias o Sargento ter-se-ia, provavelmente, atirado ao chão se um avião passasse rente à torre de controlo, a menos de um metro e meio de distância. Mas o espanto por ver um fantasma muito palpável dos céus nebulosos da Frente Ocidental foi demasiado grande para os seus sentidos lhe permitirem reagir, portanto ficou espocado. Quando o avião passou, o piloto acenou-lhe descaradamente do interior da carlinga. Passou tão perto que o Sargento conseguiu distinguir as feições do seu rosto parcialmente escondido pelo capacete de cabedal gasto e pelos óculos de aviador. Aquele espectro do passado estava a rir-se e a dar palmadas nas coronhas das metralhadoras gémeas que trazia montadas na capota do motor.

Seria alguma partida colossal? Seria o piloto algum grego maluco, um artista de circo? De onde teria vindo? A cabeça do Sargento era um torvelinho de perguntas sem resposta. De repente apercebeu-se de dois pontos de luz gémeos, cintilantes, que se acenderam atrás da hélice do avião. Depois os vidros das janelas da torre de controlo estilhaçaram-se e escaqueiraram-se à sua volta.

Por instantes, o tempo pareceu ter parado e a guerra chegou a



Brady Field. O piloto do caça da Primeira Guerra Mundial mergulhou dando a volta à torre de controlo e metralhou os jactos modernos, lustrosos, que preguiçavam na pista. Um a um, os F-105 Starfires foram varridos e trespassados por balas antigas, de oito milímetros, que lhes rasgaram o revestimento fino de alumínio. Três deles rebentaram em chamas quando os seus depósitos cheios de combustível pegaram fogo. Arderam em labaredas, derretendo o asfalto macio e formando poças fumegantes de alcatrão. Numa série de assaltos sucessivos, aquela antiguidade voadora, de um amarelo garrido, sobrevoou a base, cuspidos fios de chumbo e destruição. O próximo a arder foi um dos C-133 Cargomasters. Foi engolido por línguas de fogo gigantescas que atingiram dezenas de metros de altura.

No interior da torre, o Sargento estava deitado no chão, a olhar desnorteado para um rasto vermelho de sangue que vertia do peito. Tirou com cuidado o bloco de notas do bolso e fascinou-se a olhar surpreendido para o buraquinho perfeito que o atravessava no centro da capa. Começou a sentir os seus olhos toldados por um véu escuro, mas sacudiu a cabeça para afastar essa impressão. Então, pôs-se a custo de joelhos e olhou para a divisão em seu redor.

Um tapete de fragmentos reluzentes de vidro partido cobria o piso, o rádio, e a mobília. No centro da sala, o ar condicionado estava virado ao contrário, como um animal mecânico que ali tivesse morrido: de patas espetadas para o ar e com o líquido de refrigeração a pingar de diversos furos redondos para o chão. O Sargento, aturdido, levantou o olhar para o rádio. Milagrosamente estava intacto. Cheio de dores, arrastou-se no chão, cortando os joelhos e as mãos nos estilhaços cristalinos. Chegou ao microfone e agarrou-o com força, sujando o punho de plástico com sangue.

A escuridão começou a apertar o cerco sobre os pensamentos do Sargento. Qual será o procedimento correcto?, interrogou-se. O que se diz numa situação destas? Diz qualquer coisa, gritou-lhe a voz do raciocínio, *diz seja o que for!*

— A todos os que me consigam ouvir: *MAY DAY! MAY DAY!* Daqui Brady Field. Estamos a ser atacados por uma aeronave não identificada. Isto não é um exercício. Repito: Brady Field está a ser atacada...



## 1.

O MAJOR DIRK PITT COMPÔS OS AUSCULTADORES SOBRE OS SEUS ESPessos cabelos negros e rodou lentamente o botão do rádio, tentando sintonizar melhor o aparelho. Ficou por momentos a ouvir com atenção, deixando transparecer nos seus olhos misteriosos, de verde-mar, indícios de algum desnorreamento. O seu sobrolho ficou carregado, lavrado por uma série de vincos que se lhe demoraram na pele bronzeada e curtida pelo sol.

O problema não era que as palavras que lhe chegavam distorcidas pelo rádio fossem ininteligíveis. Não o eram. Simplesmente não queria acreditar no que ouvia. Tornou a prestar atenção, fazendo um esforço por ouvir a transmissão no meio do barulho constante dos dois motores do PBY Catalina. A voz que ouvia estava a sumir-se quando seria de esperar que ganhasse força. O botão do volume estava no máximo, e Brady Field ficava a apenas cinquenta quilómetros de distância. Dadas as circunstâncias, a voz do controlador de tráfego aéreo devia ter rebentado com os tímpanos de Pitt. Ou o equipamento da torre estava a perder energia, ou o controlador estava ferido com gravidade, concluiu Pitt. Ponderou a situação por um minuto, e depois estendeu o braço para o seu lado direito e abanou a figura que dormia no lugar do co-piloto.

— Acorda, bela adormecida. — Disse-o num tom suave e pacato, embora capaz de se fazer ouvir no interior de um avião trepidante ou de uma sala apinhada.

O Capitão Al Giordino levantou a cabeça cansada e bocejou alto e bom som. A fadiga resultante de ter passado treze horas seguidas num hidroavião PBY era evidente nos seus olhos escuros, raiados de sangue. Lançou os braços para o ar, encheu o seu peito enorme e espreguiçou-se. Depois pôs-se direito e inclinou-se para a frente, perscrutando o horizonte através dos vidros do *cockpit*.

— Já estamos a sobrevoar o *First Attempt*? — resmungou Giordino a meio de mais um bocejo.

— Quase — respondeu Pitt. — Thássos está ali, mesmo à nossa frente.

— Raios te partam — resmungou Giordino, e, então, riu-se. — Podia ter dormido mais dez minutos. Porque é que me acordaste?

— Interceptei uma mensagem da torre de controlo de Brady, a dizer que a base estava a ser atacada por um avião não identificado.

— Só podes estar a gozar — disse Giordino, incrédulo. — Devem estar a pregar-nos uma partida qualquer.

— Não, acho que não. Pela voz do controlador de tráfego aéreo, não me pareceu que estava a fingir. — Pitt hesitou e manteve um olho na água que deslizava debaixo do casco do PBY, a menos de quinze metros de distância. Só para praticar, nos últimos trezentos e vinte quilómetros tinha vindo a saltar ondas; uma maneira de manter os reflexos rápidos e afinados.

— É bem possível que a torre de controlo esteja a falar verdade — disse Giordino, espreitando pelo vidro do *cockpit*. — Olha para ali, para a parte oriental da ilha.

Ambos olharam para o maciço de terra que se erguia do mar e estava cada vez mais perto. As praias onde as ondas rebentavam eram áridas e amarelas, mas as colinas de encostas íngremes com cumes arredondados estavam repletas de árvores verdejantes. As cores distorciam-se ao sabor das ondas de calor e surgiam vivamente contrastadas de encontro ao azul do Egeu que as cercava. No lado oriental de Thássos, uma grande coluna de fumo subia para o céu sem vento, constituindo uma nuvem gigantesca, negra e em espiral. A proa do PBY ia-se aproximando da ilha, e em breve foram capazes de distinguir a dança das chamas alaranjadas que se encontravam na base do fumo.

Pitt pegou no microfone e premiu o botão que ficava na lateral do punho.

— Torre de Controlo de Brady, Torre de Controlo de Brady, fala PBY-086, escuto. — Não houve resposta. Pitt repetiu a comunicação mais duas vezes.

— Ninguém responde? — perguntou Giordino.

— Não dizem nada — respondeu Pitt.

— Falaste de *um avião não identificado*. Presumo que isso queira dizer que não há mais do que um...

— Foi precisamente isso que disseram da torre de controlo antes de se terem calado.

— Não faz sentido nenhum. Porque é que um avião haveria de atacar sozinho uma base da Força Aérea dos Estados Unidos?

— Sei lá — disse Pitt, puxando a *manche* ligeiramente para trás. — Talvez seja um agricultor grego furioso, farto de ver os nossos aviões a assustarem-lhe as cabrinhas. De qualquer maneira, não pode ser um ataque em grande escala, senão Washington já nos tinha avisado. Vamos ter de esperar para ver. — Esfregou os olhos e piscou-os para afastar o sono. — Prepara-te. Vou ganhar altitude, contornar aquelas colinas e descer com o sol pelas costas, para vermos mais de perto.

— Vê lá se tens calma. — As sobranceiras de Giordino juntaram-se e riu-se com um sorriso sério. — Este trambolho não tem a mínima hipótese se dermos de caras com um avião a jacto armado com mísseis lá em baixo.

— Não te preocupes — riu Pitt. — O meu objectivo principal na vida é preservar a saúde durante tanto tempo quanto me for possível. — Empurrou as *manettes* para ganhar velocidade e os dois motores Pratt & Whitney Wasp começaram a rodar mais depressa. As suas mãos grandes, bronzeadas, mexeram-se com eficácia, puxando a *manche* para trás, e o avião apontou o seu nariz achatado para o sol. O grande Catalina levantou-se com segurança, ganhando altitude a cada segundo que passava, e fez um circuito por cima das montanhas de Thássos em direcção à nuvem de fumo cada vez maior.

De repente, irrompeu uma voz nos auscultadores de Pitt. Aquele som inesperado quase que o ensurdeceu antes de ter conseguido baixar o volume – era a mesma voz que havia ouvido antes, mas desta feita soava mais forte.

— Daqui Torre de Controlo de Brady. Estamos a ser atacados! Repito: estamos a ser atacados! Alguém responda... seja quem for. Respondam, por favor! — A voz estava quase histérica.

Pitt respondeu:

— Torre de Controlo de Brady, fala PBY-086. Escuto.

— Graças a Deus, alguém respondeu — soprou a voz.

— Tentei contactar-vos há pouco, Torre de Controlo, mas comecei a deixar de vos ouvir e desapareceram de antena.

— Fui atingido no primeiro assalto... devo ter desmaiado. Agora estou bem. — O seu discurso soava truncado, mas coerente.

— Estamos cerca de dez milhas a oeste de vocês, a seis mil pés de altitude. — Pitt falou devagar e não repetiu a sua localização. — Qual é a vossa situação?

— Estamos indefesos. Todos os aviões que tínhamos no solo foram destruídos. O esquadrão de caças mais próximo está a mil e cem quilómetros daqui. Não há maneira de chegarem cá a tempo. Podem dar assistência?

Pitt abanou a cabeça de um lado para o outro, por uma questão de hábito.

— Negativo, Torre de Controlo. A minha velocidade máxima não chega a trezentos e cinquenta quilómetros por hora e só tenho uma ou duas espingardas a bordo. Seria uma perda de tempo entrar em combate com um avião a jacto.

— Venham ajudar, por favor — rogou a voz. — O inimigo não é um bombardeiro a jacto, mas um biplano da Primeira Guerra Mundial. Repito, o inimigo é um biplano da Primeira Guerra Mundial. Por favor, ajudem-nos.

Pitt e Giordino apenas olharam um para o outro, estupefactos. Passaram dez segundos inteiros antes de Pitt conseguir dominar-se e pôr as ideias em ordem.

— Certo, Torre de Controlo. Vamos a caminho, mas é bom que vocês tenham identificado o avião como deve ser, senão vão deixar duas mãos velhinhas, de cabelos brancos, muito tristes se eu e o meu co-piloto esticarmos o pernil. Câmbio e desligo. — Pitt voltou-se para Giordino e falou-lhe rapidamente, sem qualquer expressão no rosto, num tom confiante e calculista. — Vai para a popa e abre as escotilhas laterais. Pega numa das carabinas e finge que és bom atirador.

— Não posso crer no que estou a ouvir — disse Giordino, espantado.

Pitt abanou a cabeça.

— Também não consigo encaixar bem isto, mas temos de dar uma mão amiga àquele pessoal lá em baixo. Agora despacha-te.

— Eu vou — resmungou Giordino. — Mas ainda não acredito no que ouvi.

— Não te compete ter dúvidas, meu amigo. — Pitt deu um pequeno soco no braço de Giordino e sorriu por um instante. — Boa sorte.

— Guarda-a para ti, que não sangras menos do que eu — disse Giordino num tom sóbrio. Depois, resmungando entre dentes, levantou-se do lugar do co-piloto e dirigiu-se para o meio do avião. Quando lá chegou, tirou a carabina de calibre ponto trinta de um armário vertical e meteu-lhe um carregador de quinze balas. Levou com uma

lufada de ar quente na cara, que encheu a cabina quando abriu as escotilhas laterais da aeronave. Tornou a verificar que a arma estava pronta e sentou-se à espera, distraíndo-se a pensar no matulão que estava a pilotar o avião.

Giordino conhecia Pitt há muito tempo. Tinham brincado juntos quando eram miúdos, tinham corrido na mesma equipa de atletismo no liceu e namorado com as mesmas raparigas. Conhecia Pitt melhor do que qualquer outro homem; bem vistas as coisas, melhor do que qualquer outra mulher também. Pitt era, em determinado sentido, dois homens diferentes, nenhum dos quais directamente relacionado com o outro. Havia o Dirk Pitt frio e eficiente que raramente se enganava, embora fosse bem-humorado, desprezioso e tivesse facilidade em travar amizade com todas as pessoas com quem contactava; uma conjugação rara de se encontrar. Depois havia o outro Pitt, o maldisposto, aquele que tantas vezes se fechava ensimesmado durante horas a fio e se tornava distante e alheado, como se a sua cabeça estivesse constantemente a repisar algum sonho longínquo. Tinha de existir alguma chave que destrancasse e abrisse a porta que separa esses dois Pitts, mas Giordino nunca a havia descoberto. Sabia, contudo, que a transição de um Dirk Pitt para o outro se tornara mais recorrente ao longo do ano passado – desde que Pitt perdera uma mulher para o mar ao largo do Havai; mulher por quem estava profundamente apaixonado.

Giordino lembrava-se de ter reparado nos olhos de Pitt antes de ter recuado para a parte principal da cabine; lembrava-se de como o verde-escuro se revestira de um brilho débil quando fora chamado a enfrentar o perigo. Giordino nunca antes vira olhos como aqueles, excepto numa só ocasião, e estremeceu um pouco ao recordar-se do que acontecera nessa altura, olhando para onde lhe faltava um dedo na mão direita. Tornou a puxar os pensamentos para a realidade presente e deslizou a patilha de segurança da carabina. Então, estranhamente, sentiu-se seguro.

No *cockpit*, o rosto moreno de Pitt era um modelo de masculinidade. Não era bonito no sentido das estrelas de cinema: longe disso. Era raro, se é que acontecia, as mulheres atirarem-se a ele. Regra geral ficavam algo intimidadas e desconfortáveis na sua presença. De alguma maneira, pressentiam que não se tratava de um homem sensível às manhas femininas ou a brincadeiras parvas de coquetes. Adorava a companhia das mulheres e a suavidade dos seus corpos, mas não gostava do subterfúgio, das mentiras e de todas as outras manobras ridículas que eram necessárias para se seduzir a fêmea vulgar. Não que lhe faltasse talento para meter uma mulher entre os lençóis; era

um autêntico perito, mas tinha de se obrigar a participar nesses jogos. Preferia mulheres directas e honestas, mas essas eram poucas e muito difíceis de encontrar.

Pitt empurrou a *manche* para a frente e o PBY baixou o nariz num mergulho pouco acentuado rumo ao inferno em Brady Field. Os ponteiros brancos do altímetro rodaram lentamente para trás no mostrador preto, registando o progresso da descida. Aumentou o ângulo do mergulho e o avião, com vinte e cinco anos de existência, começou a vibrar. Não fora construído para atingir altas velocidades. Fora desenhado para missões de reconhecimento a baixa velocidade, para ser fiável e para percorrer longas distâncias, mas pouco mais do que isso.

Pitt requisitara a aquisição da aeronave depois de ter sido transferido da Força Aérea para a National Underwater Marine Agency, a pedido do director da agência, o Almirante James Sandecker. Pitt conservava a sua patente de major, e, de acordo com os arquivos, fora destacado para um comissão a termo indefinido junto da NUMA. Nesta, tinha o título de Oficial de Segurança à Superfície, o que, a seu ver, não passava de uma designação floreada para pau para toda a obra. Sempre que um projecto se deparava com dificuldades invulgares ou problemas de foro não científico, competia a Pitt resolver as complicações e tornar a encarrilar as operações. Fora com esse propósito que requisitara o hidroavião PBY Catalina. Por mais lento que fosse, era capaz de transportar carga e passageiros à vontade, e mais importante do que isso, podia amarar e descolar da água; um factor fundamental, já que quase noventa por cento das operações da NUMA tinham lugar em mar alto.

De repente, um clarão de cor de encontro ao fumo negro chamou a atenção de Pitt. Tratava-se de um avião amarelo vivo. Este virou-se rapidamente sobre uma asa, dando a entender que era altamente manobrável, e mergulhou pelo meio da fumarada. Pitt puxou as *manettes* para si, para reduzir a velocidade da sua descida acentuada e impedir o PBY de ultrapassar o seu estranho adversário. O outro avião materializou-se do lado oposto do fumo e ele viu-o claramente a metralhar Brady Field.

— Não acredito nisto — troou Pitt em voz alta. — É um velho Albatros alemão.

O Catalina chegou com o sol directamente pelas costas e o piloto do Albatros, empenhado em fazer estragos, não o viu. Espalhou-se um sorriso sardónico no rosto de Pitt perante a aproximação do combate. Amaldiçoou o facto de não ter armas às suas ordens para com elas cuspir fogo do nariz do PBY. Aplicou pressão sobre os pedais do leme de



directão e fez com que o avião deslizesse sobre a asa para dar melhor linha de fogo a Giordino. O PBY entrou em cena cheio de ímpeto, ainda despercebido. Então, abruptamente, ouviu-se o estrondo da carabina de Giordino por cima do rugido dos motores.

Já estavam quase em cima do Albatros quando a cabeça protegida pelo capacete de cabedal no interior do *cockpit* aberto se voltou. Estavam tão perto que Pitt viu o queixo do outro piloto cair, completamente surpreendido por ver o grande hidroavião descer sobre si com o sol por trás – tendo-se o caçador tornado presa. O piloto recuperou rapidamente do susto e o Albatros afastou-se a rolar, mas não antes de Giordino lhe ter pregado quinze balas com a carabina.

Aquele espectáculo sinistro e incongruente nos céus enfumados sobre Brady Field atingiu um novo patamar quando o hidroavião da Segunda Grande Guerra fez frente ao caça da Primeira Guerra Mundial. O PBY era mais rápido, mas o Albatros contava com as vantagens de estar equipado com duas metralhadoras e de ser muitíssimo mais fácil de manobrar do que o adversário. O Albatros era menos conhecido do que o seu congénere mais famoso, o Fokker, mas era um excelente avião de combate e foi o cavalo de batalha da Força Aérea imperial alemã entre 1916 e 1918.

O Albatros desviou-se, tornou a voltar-se e apontou directamente para o *cockpit* do PBY. Pitt reagiu depressa e puxou a *manche* com força para o seu colo, rezando para que as asas não descolassem da fuselagem enquanto o hidroavião maljeitoso se esfalfava para fazer um *loop*. Pôs de parte toda a cautela e as regras consensuais da aviação; a euforia do combate de homem para homem enchia-lhe as veias. Quase que conseguia ouvir os rebites saltarem à medida que o PBY se virava de costas para baixo. Esta manobra evasiva pouco ortodoxa apanhou o inimigo desprevenido e os dois fios de fogo que saíram do avião amarelo passaram ao largo, falhando por completo o Catalina.

O Albatros fez uma viragem apertada à esquerda e avançou a direito para o PBY, aproximando-se de frente. Pitt viu o chorrilho de balas do avião inimigo passar cerca de dez pés abaixo do seu pára-brisas. Sorte a nossa que este gajo tem falta de pontaria, pensou. Ficou com uma sensação estranha na barriga quando os dois aviões aceleraram em rota de colisão. Pitt esperou até ao último instante possível antes de empurrar o nariz do PBY para baixo e incliná-lo sobre a asa, ganhando uma posição favorável, mesmo que fugaz, em relação ao Albatros. Mais uma vez, Giordino abriu fogo, mas o Albatros amarelo mergulhou para se desviar da saraivada que saiu da carabina e desceu a pique em direcção ao solo, fazendo com que Pitt o perdesse de vista por momen-

tos. Virou o avião para a direita numa curva apertada e olhou para o céu. Foi tarde demais. Percebeu, mais do que sentiu, os estampidos de uma cascata de balas que rompeu o hidroavião. Pitt lançou o avião para baixo numa manobra violenta em jeito de folha seca e conseguiu esquivar-se das ferroadas mortíferas do avião mais pequeno. Escapou por um triz.

Aquela batalha desequilibrada continuou durante oito minutos bem contados, enquanto a plateia de militares assistia do solo, expectante. Aquele estranho combate aéreo afastou-se lentamente para leste sobre a linha costeira e deu-se início ao último assalto.

Agora Pitt estava a transpirar. Pequenas gotas reluzentes de suor salgado irrompiam-lhe dos poros na testa e desciam-lhe como rastos de caracol pelo rosto abaixo. O seu opositor era habilidoso, mas Pitt também estava a jogar com estratégia. Com uma paciência infinita, desencantada de alguma reserva oculta dentro de si, esperou pelo momento certo, e, quando finalmente chegou a hora, estava preparado.

O Albatros conseguiu colocar-se atrás e ligeiramente acima do Catalina. Pitt manteve uma velocidade constante e o outro piloto, presentindo a vitória, encurtou a distância até ficar a menos de cinquenta metros da cauda imponente do hidroavião. Mas antes que as duas metralhadoras se pudessem fazer ouvir, Pitt puxou a *manette* para trás e baixou os *flaps*, abrandando o grande avião quase até parar. O piloto fantasma, apanhado de surpresa, adiantou-se em demasia e ultrapassou o PBY, recebendo várias balas bem metidas no motor do Albatros quando a carabina disparou à queima-roupa. Aquela relíquia da aviação mudou de direcção à frente do nariz de Pitt, que viu, com o respeito que um homem valente deve a outro, o ocupante do *cockpit* aberto levantar os óculos e fazer uma curta continência. Depois o Albatros amarelo e o seu piloto misterioso afastaram-se e rumaram para oeste, sobrevoando a ilha, deixando um rasto de fumo preto que testemunhava a precisão da pontaria de Giordino.

Agora o Catalina, sem andamento, começava a mergulhar a pique e Pitt debateu-se com os instrumentos durante alguns segundos enervantes antes de ter retomado um voo estável. Depois começou a fazer uma viragem larga, em direcção ascendente, subindo aos céus. Chegado aos cinco mil pés de altitude, equilibrou o avião e passou o olhar sobre a ilha e o mar, mas não viu sinais do avião amarelo vivo com a Cruz de Malta pintada. Tinha desaparecido.

Pitt foi inundado de uma sensação fria e pegajosa. Por qualquer motivo, o Albatros amarelo parecera-lhe familiar. Era como se um fantasma de um passado já esquecido tivesse regressado para assom-

brá-lo. Mas essa sensação arrepiante passou tão depressa como havia aparecido, e ele deixou escapar um grande sopro à medida que a tensão se dissipava e o bem-vindo conforto do alívio lhe acalmava pouco a pouco o espírito.

— Bem, quando é que recebo a minha medalha de atirador? — disse Giordino da entrada para a cabina. Trazia um sorriso escarrapachado na cara apesar de um golpe feio que sofrera no escalpe. O sangue escorria-lhe pelo lado direito do rosto, manchando o colarinho da sua camisa berrante, estampada com flores.

— Em vez disso, pago-te um copo quando aterrarmos — respondeu Pitt sem se voltar.

Giordino instalou-se no lugar do co-piloto.

— Sinto-me como se tivesse acabado de sair da montanha-russa no Long Beach Pike.

Pitt não pôde deixar de se rir. Desconstraiu-se, recostado nas costas do assento, sem dizer uma palavra. Então, virou-se para Giordino e semicerrou os olhos.

— O que é que te aconteceu? Levaste um tiro?

Giordino deitou um olhar trocista, fingindo grande infelicidade, para Pitt.

— Quem é que te disse que podias fazer um *loop* com um PBY?

— Pareceu-me a opção mais certa na altura — disse Pitt com um brilho nos olhos.

— Para a próxima, avisa os passageiros. Fizeste-me ressaltar lá atrás como se fosse uma bola de basquetebol.

— Onde é que bateste com a cabeça? — perguntou Pitt, perplexo.

— Tinhas mesmo de perguntar isso?

— Então?

De repente Giordino ficou envergonhado.

— Se tens mesmo de saber, foi no manípulo da porta da casa de banho.

Pitt ficou momentaneamente espantado. Depois atirou a cabeça para trás e riu-se às gargalhadas. A sua alegria foi contagiosa e Giordino não tardou a seguir-lhe o exemplo. As risadas dos dois encheram o *cockpit* e sobrepuseram-se ao barulho dos motores. Passou quase meio minuto antes de tornarem a sossegar, e a gravidade da presente situação tornou a fazer-se sentir.

Pitt estava lúcido, mas a exaustão começava lentamente a ganhar terreno. As longas horas de voo e o cansaço do recente combate abateram-se pesados sobre si, infiltrando-se-lhe no corpo como uma névoa húmida para entorpecê-lo. Pensou no cheiro adocicado do sabão num

duche frio e na lisura de lençóis lavados, que adquiriram, de alguma maneira, uma importância vital para ele. Olhou para Brady Field pelo vidro do *cockpit* e recordou-se de que o seu destino original era o *First Attempt*, mas teve um palpite obscuro, chamemos-lhe antes premonição, que o levou a mudar de ideias.

— Em vez de amarmos e fazermos uma abordagem ao *First Attempt*, acho melhor pousarmos em Brady Field. Tenho um mau prenúncio de que somos capazes de ter levado com meia dúzia de balas no casco.

— Boa ideia — respondeu Giordino. — Não me apetece ter de tirar água cá de dentro.

O grande hidroavião fez a sua aproximação à base e alinou-se para aterrar na pista juncada de destroços. Pousou no asfalto à torreira do sol e o trem de aterragem bateu no chão, emitindo um chio audível de borracha que lhes indicou que estavam em terra.

Pitt desviou-se das chamas e seguiu sobre rodas até chegar ao extremo mais distante da placa de estacionamento. Quando o Catalina parou de avançar, desligou os interruptores de ignição e as duas hélices de pás prateadas pararam gradualmente de girar até ficarem em repouso, reverberando ao sol do Egeu. Estava tudo sossegado. Ele e Giordino ficaram absolutamente quietos por um momento, a absorverem o primeiro silêncio confortável a penetrar naquele *cockpit* ao fim de treze horas de barulho e trepidação.

Pitt abriu o trinco da janela do seu lado e empurrou-a, vendo com uma curiosidade distante os bombeiros da base a combaterem os incêndios. Viam-se mangueiras desenroladas por toda a parte, como se fossem estradas num mapa rodoviário, e havia homens a correrem aos gritos de um lado para o outro, contribuindo para o estado de confusão. As chamas que ardiam nos F-105 estavam quase controladas, mas um dos C-133 Cargomasters continuava a arder intensamente.

— Olha para ali — disse Giordino, apontando com o dedo.

Pitt debruçou-se sobre o painel de instrumentos e espreitou pela janela do lado de Giordino para ver um veículo azul da Força Aérea que vinha a guinar pelo meio da pista na direcção do PBV. O carro trazia vários oficiais e era seguido por trinta ou quarenta recrutas que vinham a festejar desenfreadamente, perseguindo-o como uma matilha de cães a ladrarem.

— A isto, sim, chamo um comité de boas-vindas do caraças — disse Pitt, bem-disposto, com um sorriso largo nos lábios.

Giordino limpou a sua ferida ensanguentada com um lenço. Quando o pano ficou encharcado com líquido vermelho, fez dele uma

bola e deitou-o para o chão pela janela. Desviou o olhar para a linha costeira, ali perto, e perdeu-se por instantes no infinito dos pensamentos. Finalmente, virou-se para Pitt.

— Imagino que estejas ciente de que foi uma grande sorte termos ficado inteiros.

— Sim, eu sei — disse Pitt, impávido. — Houve um ou dois momentos lá em cima em que julguei que o nosso fantasma nos tinha mesmo a jeito.

— Quem me dera saber quem raio era ele e para que é que foi esta destruição toda.

O rosto de Pitt era um modelo de curiosidade especulativa.

— A única pista que temos é o Albatros amarelo.

Giordino deitou um olhar duvidoso ao amigo.

— Que raio de significado poderá ter a cor daquela ruína ambulante?

— Se tivesses estudado a história da aviação — disse Pitt com laivos de sarcasmo bonacheirão —, lembravas-te de que os pilotos alemães no tempo da Primeira Guerra Mundial pintavam os aviões com cores personalizadas, mas por vezes esquisitas.

— Poupa a lição de história para mais tarde — rosnou Giordino. — Para já, só quero sair deste forno e cobrar-te aquele copo que me deves. — Levantou-se do seu lugar e dirigiu-se para a janela de saída.

O carro azul parou com uma derrapagem ao lado do grande hidroavião prateado e as suas quatro portas abriram-se todas de rompante. Os passageiros saltaram para fora aos berros e desataram a dar palmadas na porta de alumínio do avião. A multidão de recrutas não tardou a cercar a aeronave, com festejos ruidosos e acenando para o *cockpit*.

Pitt permaneceu sentado e acenou para os homens que aplaudiam por baixo da janela. Tinha o corpo cansado e entorpecido, mas o seu espírito continuava activo e a trabalhar a cem à hora. Havia uma legenda que não parava de lhe desfilarem nos pensamentos, até que, por fim, acabou por murmurá-la em voz alta:

— O *Falcão da Macedónia*.

Giordino virou-se para trás, à saída.

— O que disseste?

— Oh, nada. Nada de mais. — Pitt deixou sair o ar do peito num suspiro longo e audível. — Vamos embora — é desta que te ofereço o tal copo.



## 2.

QUANDO PITT ACORDOU, AINDA ESTAVA ESCURO LÁ FORA. NÃO SABIA quanto tempo dormira. Talvez só tivesse passado pelas brasas. Talvez se tivesse perdido sob o manto escuro do sono horas a fio. Não sabia e tampouco lhe importava. As molas metálicas da cama da Força Aérea chiaram quando rolou à procura de posição mais confortável. Mas o conforto do sono fugia-lhe. A sua mente consciente esforçava-se com pouca convicção por analisar a razão de ser disso. Seria a vibração persistente do ar condicionado?, perguntou-se. Estava habituado a adormecer ao som ensurdecido dos motores do avião, portanto não podia ser culpa do aparelho. Talvez fosse culpa da correria das baratas. Sabe Deus como Thássos está cheia delas. Mas não, a razão seria outra. Foi então que percebeu. A resposta rompeu a névoa que toldava o seu espírito ensonado. O que não o deixava pregar olho era a sua outra mente, o *subconsciente*. Como se fosse um projector de cinema, desfilava imagens sucessivas de acontecimentos estranhos decorridos no dia anterior, repetindo-os uma e outra vez.

Uma das imagens destacava-se de todas as demais. Era a fotografia exposta numa galeria do Imperial War Museum. Pitt lembrava-se perfeitamente do retrato. A objectiva captara a imagem de um aviador alemão a posar para a câmara junto a um caça da Primeira Guerra Mundial. Estava vestido com a farda de aviador da época e tinha a mão direita pousada na cabeça de um enorme pastor-alemão branco. O cão, que obviamente teria sido uma mascote, aparecia a arfar de

olhos postos no seu dono com uma expressão protectora e inocente. O aviador olhava directamente para a objectiva com um rosto jovial, que de alguma forma parecia despido sem o monóculo e a cicatriz de guerra estereotípicos. Todavia, o seu brioso porte militar teutónico era facilmente perceptível no sorriso insolente que lhe brincava nos lábios e na sua postura hirta como uma vara.

Pitt até se lembrava da legenda que acompanhava a fotografia:

*O Falcão da Macedónia*

*O Tenente Kurt Heibert, do Jagdstaffel 91, alcançou 32 vitórias sobre os aliados na Frente Macedónia; foi um dos ases que mais se destacaram na grande guerra. Presume-se que foi abatido e terá desaparecido no Mar Egeu em 15 de Julho, 1918.*

Durante algum tempo, Pitt ficou deitado a olhar para a escuridão. Hoje não há mais sono para ninguém, pensou. Sentando-se e apoiando-se num cotovelo, estendeu o braço por cima da mesinha de cabeceira, tacteou à procura do seu relógio Omega e levantou-o para ver as horas. No mostrador luminoso lia-se: 04h09. Depois sentou-se direito na cama e pousou as plantas descalças dos seus pés no chão coberto de placas de vinil. Estava um maço de tabaco junto ao relógio, tirou um cigarro e acendeu-o com um isqueiro Zippo prateado. Dando uma passa demorada, levantou-se e espreguiçou-se. Passou-lhe um esgar pelo rosto: os músculos das costas doíam-lhe por causa das palmadas que recebera do pessoal de Brady Field que o aplaudira quando descera com Giordino do *cockpit* do PBY. Pitt sorriu para consigo às escuras, lembrando-se dos passou-bem e parabéns calorosos com que os haviam recebido.

O luar, que jorrava pela janela do dormitório dos oficiais, e o ar quente e limpo da madrugada deixaram Pitt irrequieto. Despiu os calções e vasculhou a sua bagagem àquela luz ténue. Quando os seus dedos reconheceram o tecido de um par de calções de banho, vestiu-os, foi buscar uma toalha à casa de banho e saiu para a calmaria nocturna.

Quando chegou lá fora, a lua que brilhava sobre o Mediterrâneo envolveu o seu corpo e expôs o vazio estranho e fantasmagórico da paisagem circundante. O céu estava pontilhado com estrelas e mostrava a Via Láctea num imenso desenho branco em pano de fundo preto aveludado.

Pitt desceu pelo acesso aos alojamentos dos oficiais, a caminho do portão principal. Parou por um minuto a olhar para a pista de ater-



ragem vazia, e apercebeu-se de troços negros que surgiam a espaços nas fileiras de luzes multicolores que a orlavam. Muitas das lâmpadas que faziam parte do sistema de sinalização luminosa devem ter sido danificadas durante o ataque, pensou. Todavia, os limites gerais da pista continuariam a ser perceptíveis para um piloto que quisesse aterrar à noite. Por trás das luzes intermédias, vislumbrava a silhueta do PBY, pousado com um ar desamparado do lado oposto da placa como se fosse um pato no ninho. Veio a descobrir-se que os estragos feitos pelas balas na fuselagem do Catalina afinal eram ligeiros e a equipa de manutenção de material aéreo prometeu que começaria a repará-los logo na manhã seguinte, prevendo que o conserto levaria três dias a ser concluído. O Coronel James Lewis, oficial comandante da base, apresentara-lhe as suas desculpas pela demora, mas precisava que o grosso da equipa de manutenção se dedicasse aos jactos danificados e ao C-133 Cargomaster sobrevivente. Entretanto, Pitt e Giordino optaram por aceitar a hospitalidade do Coronel e por permanecer em Brady Field, usando a baleeira do *First Attempt* para as viagens entre o navio e a costa. Essa alternância acabou por ser vantajosa para todas as partes envolvidas, já que o alojamento a bordo do *First Attempt* era apertado e muito concorrido.

— É um bocado cedo para se ir nadar, não é, sócio?

Esta voz resgatou Pitt dos seus pensamentos, e este deu consigo sob o clarão branco dos holofotes que estavam empoleirados na casa da guarda junto ao portão principal. A casa estava instalada numa ilha delimitada por um passeio, que dividia o trânsito de entrada do trânsito de saída e cujas dimensões chegavam à justa para um homem se sentar lá dentro. Saiu um militar da Polícia Aérea, baixo e corpulento, pela porta do edifício e tirou-lhe as medidas com um olhar atento.

— Não estava a conseguir dormir. — Assim que disse isto, Pitt sentiu-se tolo por não ter sido mais original. Paciência, pensou, a verdade era essa.

— Não me admira — disse o PA. — Depois de tudo o que aconteceu hoje, ficava muito admirado se alguém na base estivesse a dormir como deve ser. — Pensar em sono bastou para instigar um reflexo no PA, que bocejou.

— Deve ficar terrivelmente aborrecido aqui sentado, sozinho a noite toda — comentou Pitt.

— Pois, às vezes é uma chatice — disse o PA, apoiando uma mão com um dedo enganchado no seu cinturão militar e pousando a outra na coronha de uma pistola automática Colt, calibre 45, que tinha à cintura. — Se quer sair da base, é melhor mostrar-me o seu livre-trânsito.

— Lamento, mas não trago nenhum. — Pitt esquecera-se de pedir ao Coronel Lewis autorização oficial para entrar e sair de Brady Field.

Passou um ar duro e arrogante pelo rosto do PA.

— Então vai ter de voltar à caserna para ir buscá-lo. — Enxotou uma traça que lhe esvoaçava perto do rosto, lançando-a em direcção a um holofote.

— Isso seria uma perda de tempo. Não tenho livre-trânsito que possa ir buscar — respondeu Pitt com um sorriso impotente.

— Não se faça burro comigo, sócio. Ninguém entra nem sai pelo portão da base sem livre-trânsito.

— Eu entrei.

O PA ficou com um olhar desconfiado.

— Como é que conseguiste fazer isso?

— Vim de avião.

O PA revestiu-se de um ar surpreendido. Os seus olhos brilharam no foco dos holofotes. Outra traça que estava de passagem pousou no seu chapéu branco, mas ele nem reparou. Depois saiu-lhe de repente:

— Você é o piloto daquele hidroavião Catalina!

— O próprio — respondeu Pitt.

— Oiça, deixe-me apertar-lhe a mão. — Os lábios do PA abriram-se num sorriso com os dentes todos à mostra. — Foi o melhor voo a que alguma vez assisti. — Estendeu-lhe uma manápula gigantesca.

Pitt pegou na mão que lhe foi oferecida e encolheu-se. Ele próprio tinha o hábito de dar apertos de mão com força, mas nada que se comparasse com o aperto do PA.

— Obrigado, mas teria ficado muito mais satisfeito se o inimigo se tivesse despenhado.

— Ora, não pode ter ido muito longe. Aquela sucata estava a deitar fumo por todos os lados quando passou por cima das colinas.

— Se calhar caiu do outro lado.

— Nem pensar. O Coronel mandou toda a unidade de PA correr a ilha inteira em jipes, à procura dos destroços. As buscas duraram até ao cair da noite, mas ninguém encontrou nada. — Pôs um ar revoltado. — O que mais me irritou foi ter chegado à base tarde demais para jantar.

Pitt rasgou um sorriso.

— Deve ter caído no mar, ou então chegou ao continente antes de se ter despenhado.

O PA encolheu os ombros.

— É capaz, mas uma coisa é certa: em Thássos, não está. Dou-lhe a minha palavra de honra em como já se foi.

Pitt riu-se.

— Isso chega para me convencer. — Pôs a toalha ao ombro e puxou os calções de banho para cima. — Bem, foi um prazer falar consigo...

— Primeiro-cabo Moody, senhor.

— Eu sou o Major Pitt.

O PA ficou com um ar desnortado.

— Oh, peço desculpa, Major. Não sabia que era oficial. Julguei que fosse um daqueles civis da NUMA. Desta vez, deixo-o sair, Major, mas agradecia que pedisse um livre-trânsito para se movimentar na base.

— Trato disso assim que tomar o pequeno-almoço.

— Vêm render-me às 08h00. Se, entretanto, o Major não tiver voltado, deixo instruções para o deixarem entrar sem fazerem ondas.

— Obrigado, Moody. Talvez nos encontremos mais tarde. — Pitt disse-lhe adeus e voltou-se para descer a estrada até à praia.

Pitt seguiu do lado direito da estrada estreita, alcatroada, e, cerca de um quilómetro e meio mais à frente, chegou a uma pequena enseada ladeada de penhascos escarpados. O luar iluminou-lhe um caminho por onde enveredou até os seus pés se afundarem na areia macia da praia. Deixou cair a toalha e foi até à linha de maré. Rebentou uma onda e a brancura da sua crista deslizou suavemente sobre a areia compacta até lhe lambe os pés. A onda moribunda hesitou por momentos e começou, então, a recuar, formando uma depressão para a chegada da próxima vaga. Soprava uma aragem que mal se sentia e o mar cintilante estava relativamente calmo. A lua vertia o seu brilho sobre a água escura, deixando um rastro prateado que se estendia à superfície até desaparecer no horizonte onde mar e céu se confundiam em absoluta escuridão. Pitt saboreou aquela calma amena e entrou no mar, nadando ao longo do corredor de prata.

Pitt sentia-se sempre dominado por uma sensação dentro de si quando se apanhava a sós à beira-mar. Era como se a alma se lhe escoasse do corpo tornando-o um ser insubstancial, sem estado físico. O seu espírito purificava-se e ficava livre: cessava todo o trabalho mental e todos os pensamentos desapareciam. Mantinha-se apenas vagamente ciente do calor e do frio, dos cheiros, das texturas e do que captassem os restantes sentidos, exceptuando a audição. Escutava o vazio do silêncio; o maior tesouro da humanidade, pese embora seja o menos conhecido. Esquecia por momentos todos os seus fracassos, todas as suas vitórias e paixões, até a própria vida parecia sumir-se enterrada na calma.

Fez-se de morto e boiou na água durante perto de uma hora. Por fim, uma pequena ondulação bateu-lhe na cara e inspirou involuntariamente algumas gotas de água salgada. Soprou pelo nariz, para afastar aquele desconforto, e tornou a ter presentes as sensações transmitidas pelo seu corpo. Sem dar atenção à distância percorrida, nadou sem esforço, de costas, rumo à praia. Quando as suas mãos em concha tocaram na areia compacta, parou de nadar e deixou-se dar à costa como o destroço de um naufrágio. Aí, arrastou-se para diante até ter metade do corpo fora de água, deixando-a remoinhar à volta das suas pernas e das suas nádegas. As ondas mornas do Egeu foram subindo àquela luz ténue e avançaram praia adentro, acariciando a sua pele até adormecer.

As estrelas começavam a apagar-se uma a uma na luz parda da aurora que se avizinhava, quando soou um alarme interno na cabeça de Pitt, e, de repente, este foi posto em alerta por uma presença. Despertou imediatamente, mas não fez qualquer movimento além de espreitar por entre as pálpebras semicerradas. Vislumbrou a sombra de uma figura que se encontrava em pé junto a si. Esforçando a vista para focar àquela luz escassa, tentou distinguir os pormenores de quem ali estava. Pouco a pouco, materializou-se uma silhueta. Era uma mulher.

— Bom dia — disse ele, sentando-se.

— Credo — sobressaltou-se a mulher. Levou uma mão à boca como que prestes a gritar.

Ainda estava demasiado escuro para ver a expressão de susto nos olhos dela, mas Pitt sabia que estava lá.

— Peço desculpa — disse em voz branda. — Não tinha a intenção de a assustar.

Ela baixou lentamente a mão. Ficou ali plantada, de olhos postos nele. Por fim recuperou a fala.

— Eu... eu julguei que estava morto — gaguejou ligeiramente.

— Não me admira. Suponho que, se eu tivesse tropeçado numa pessoa a dormir dentro de água a estas horas da madrugada, teria ficado com a mesma impressão.

— Pregou-me um grande susto, sabe?, a sentar-se e a falar assim sem mais nem menos.

— Mais uma vez, peço-lhe sinceras desculpas. — Ocorreu de repente a Pitt que a mulher estava a falar inglês. Tinha um sotaque decididamente britânico, mas com alguns vestígios germânicos. Pôs-se de pé. — Permita-me que me apresente: chamo-me Dirk Pitt.

— Eu sou a Teri — disse ela —, e não imagina como fico feliz por

ver que está vivo e de boa saúde, Senhor Pitt. — Não lhe disse o seu apelido, e Pitt não fez questão de o saber.

— Acredite em mim quando lhe digo, Teri, que o prazer é todo meu. — Fez um gesto na direcção da areia. — Aceita fazer-me companhia, para me ajudar a levantar o Sol?

Ela riu-se.

— Obrigada, tenho todo o gosto nisso. Mas mal lhe consigo ver a cara. Tanto quanto sei, você é capaz de ser algum monstro, ou coisa que o valha. — Havia um tom algo caprichoso na sua voz. — Você é de confiança?

— Para ser perfeitamente sincero, não. Parece-me justo avisá-la de que ataquei para cima de duzentas virgens inocentes neste mesmo sítio. — Pitt era dado a um humor excessivamente frontal, mas sabia que era um bom sistema para testar a personalidade de uma mulher.

— Caramba, quem me dera ter sido a número duzentos e um, mas não sou uma virgem inocente. — Já havia luz suficiente para Pitt lhe ver a brancura dos dentes desvelados num sorriso. — Espero sinceramente que não me leve isso a mal.

— Não. Tenho o espírito muito aberto em relação a esses assuntos. Mas não posso deixar de lhe pedir que guarde segredo sobre o facto de a número duzentos e um não ter sido pura como a neve. Se se viesse a saber, a minha fama de monstro ficaria destruída.

Riram-se os dois, sentaram-se juntos na toalha de Pitt e ficaram a conversar enquanto o sol quente espreitava relutante por cima do Mar Egeu. Quando a bola de fogo laranja lançava os seus primeiros raios dourados sobre o horizonte tremeluzente, Pitt olhou para a mulher àquela luz nova e observou-a com atenção.

Tinha cerca de trinta anos e vestia um biquíni encarnado. O biquíni não era da variedade exageradamente curta, embora a metade inferior começasse uns bons cinco centímetros abaixo do umbigo. O tecido tinha um brilho acetinado e colava-se justo ao corpo dela, como uma camada exterior de pele. As suas formas eram um misto sedutor de elegância e firmeza; a barriga lisa e macia e os seios perfeitos, nem pequenos demais, nem demasiado grandes e desproporcionados. Tinha as pernas compridas, de um tom leitoso e um pouco magras. Pitt optou por ignorar essa ligeira imperfeição e levantou o olhar para o rosto dela. Tinha um perfil delicado. As suas feições tinham a beleza e o mistério de uma estátua grega, e teriam roçado a perfeição, não fosse uma cicatriz redonda que lhe picava a pele junto à fonte do lado direito. Em circunstâncias normais, a marca estaria escondida pelos seus cabelos negros que lhe escorriam até aos ombros, mas ela lançara a cabeça

para trás ao contemplar o nascer do sol e os fios de ébano caíam-lhe inclinados para trás dos ombros, tocando na areia e expondo aquela pequena imperfeição.

De súbito virou-se e apanhou Pitt a olhá-la com um ar estudioso.

— Devia estar a assistir ao nascer do sol — disse-lhe com um sorriso desconfiado.

— Já o vi nascer muitas vezes, mas nunca me tinha encontrado cara a cara com uma beleza assim, uma autêntica Afrodite grega. — Pitt viu-lhe os olhos castanhos lampejarem de satisfação por causa do elogio.

— Obrigada por me lisonjear, mas Afrodite era a deusa grega do amor e da beleza, e eu só sou grega por metade.

— De onde vem a outra?

— O meu pai era alemão.

— Nesse caso, tenho de dar graças aos deuses por ter saído mais à mãe.

Ela deitou-lhe um olhar falsamente aborrecido.

— Espero que o meu tio nunca o apanhe a dizer isso.

— É um boche à moda antiga?

— Sim, definitivamente. Aliás, foi por causa dele que vim parar a Thássos.

— Então, não pode ser mau de todo — disse Pitt, admirando os seus olhos cor de avelã. — Mora com ele?

— Não, por acaso nasci aqui, mas fui criada em Inglaterra. Foi lá que acabei os estudos e, aos dezoito anos de idade, apaixonei-me por um vendedor de automóveis arrebatador e casei-me com ele.

— Não sabia que os vendedores de automóveis podiam ser arrebatadores.

Ela ignorou o comentário sarcástico e continuou.

— Adorava participar em corridas de carros nas horas vagas, e até tinha jeito para aquilo. Ganhou várias provas, subidas de montanhas e eventos de automobilismo. — Encolheu os ombros e começou a desenhar círculos com um dedo na areia. A sua voz tornou-se estranha e enrouquecida. — Depois, num fim-de-semana, estava a correr ao volante de um MG todo artilhado. Estava a chover, derrapou para fora da estrada e estampou-se numa árvore. Morreu antes de eu ter conseguido chegar lá.

Pitt sentou-se calado por momentos, olhando para a expressão triste na cara dela.

— Há quanto tempo foi isso? — perguntou simplesmente.

— Já lá vão oito anos e meio — respondeu-lhe num sussurro.

Pitt ficou estupefacto. Depois a raiva tomou conta dele. Que desperdício, pensou. Que grande desperdício, uma mulher linda como esta ficar de luto por um homem durante quase nove anos. Quanto mais pensava nisso, mais zangado ficava. Via as lágrimas aflorarem aos olhos dela enquanto se entregava às suas recordações, e aquela imagem deixou-o revoltado. Puxou um braço atrás e deu-lhe uma bofetada na cara com as costas da mão.

Os olhos dela abriram-se de repente e o seu corpo ficou tenso dos pés à cabeça em reacção ao golpe súbito. Foi como se tivesse levado um tiro.

— Porque é que me bateste? — soprou.

— Porque precisavas de levar. Estavas mesmo a pedi-las — ripostou ele. — Esse amor impossível ao qual teimas em agarrar-te já está mais que expirado. Espanta-me que ainda ninguém tenha pegado em ti para te dar umas valentes palmadas. Portanto, o teu marido era arrebatador. E depois? Está morto e enterrado, e chorá-lo estes anos todos não vai fazer com que se levante do túmulo. Arruma a memória dele nalgum canto e esquece que existiu. És uma mulher linda – não devias viver acorrentada a um caixão cheio de ossos. Devias dar-te a todos os homens que se viram para te admirar quando passas e que desejam possuir-te. — Pitt percebeu que as suas palavras estavam a penetrar as defesas debilitadas dela. — Agora pensa bem no assunto. A vida é tua. Não a desperdices armada em «dama das camélias» até seres velha e murchares.

O rosto dela mostrou-se perturbado ao sol matinal e a sua respiração entrava e saía aos soluços. Pitt deixou-a chorar durante muito tempo. Quando finalmente levantou a cabeça e se voltou para ele, este viu que tinha as faces manchadas de lágrimas misturadas com minúsculos grãos de areia que se colavam à pele molhada. Levantou o olhar e Pitt viu-lhe um brilho nos olhos. Pareciam-lhe tenros e assustados, como os de uma menina. Pegou nela ao colo e beijou-a. Tinha os lábios mornos e húmidos.

— Quando foi a última vez que estiveste com um homem? — sussurrou.

— Não estou desde... — e a sua voz sumiu-se.

Pitt levou-a dali enquanto as sombras dos rochedos rastejavam sobre a praia, escudando-lhes os corpos do sol. Um bando de maçaricos voou em círculos sobre os dois e desceu à areia molhada junto à água. Correram para um lado e para o outro, jogando à apanhada com as ondas. De tempos a tempos, uma das aves fixava um dos seus olhos pequeninos nos amantes à sombra, observando-os por um ins-

tante fugaz antes de regressar à tarefa de espetar o seu bico comprido e curvo na areia, à procura de comida. As sombras encurtavam à medida que o sol se erguia no céu. Um barco de pesca a motor passou a cerca de noventa metros da ponta dos rochedos. Os pescadores, jogando as redes à água, estavam demasiado ocupados para repararem em algo de invulgar que se pudesse estar a passar na costa. Finalmente, Pitt recuou e passou o olhar sobre o rosto sereno e sorridente de Teri.

— Não sei se hei-de pedir desculpa ou exigir um agradecimento — disse suavemente.

— Aceita os dois, e também a minha bênção — murmurou ela.

Pitt beijou-lhe os olhos ao de leve.

— Já viste o que andaste a perder nestes anos todos? — disse com um sorriso rasgado.

— De acordo. Não há dúvida que me mostraste um antídoto maravilhoso para a minha depressão.

— Costumo sempre receitar sedução. Está garantido que cura toda e qualquer doença exótica e maleita vulgar.

— E quanto cobra pela consulta, doutor? — disse ela, acompanhando o comentário com um risinho feminino.

— Digamos que as contas já foram pagas na totalidade.

— Não te safas assim tão facilmente. Insisto que venhas jantar a casa do meu tio hoje à noite.

— Seria uma grande honra — disse ele. — A que horas, e como é que se chega lá?

— Peço ao motorista do meu tio que te vá buscar à entrada de Brady Field às seis horas.

Pitt levantou as sobrancelhas.

— Onde foste buscar a ideia de que estou colocado em Brady Field?

— Nitidamente és americano, e é lá que estão todos os americanos que moram na ilha. — Teri pegou na mão dele e apertou-a de encontro à sua face. — Fala-me de ti. Que tipo de trabalho fazes na Força Aérea? És piloto? És oficial?

Pitt esforçou-se ao máximo por pôr um ar sério.

— Faço a recolha do lixo na base.

Ela arregalou os olhos, surpreendida.

— De verdade? És demasiado inteligente para trabalhar na recolha do lixo. — Olhou para o rosto dele, forte e bronzeado, e para os seus olhos de um verde intenso. — Paciência. Não te levo a mal a ocupação que te calhou. Ainda não foste promovido a sargento?

— Não. Nunca fui sargento na vida.



Um clarão súbito nos rochedos, a cerca de sessenta metros dali, chamou a atenção de Pitt. Um objecto lúcido reflectiu os raios de sol por um breve instante. Vigiou a zona onde surgira o brilho, mas não conseguiu detectar mais nenhum lampejo ou movimento.

Teri pressentiu que ele ficou tenso.

— Passa-se alguma coisa? — perguntou.

— Não. Não foi nada — mentiu Pitt. — Julguei que tinha visto qualquer coisa a boiar na água, mas já desapareceu. — Mirou o rosto dela, levantado, e ficou com um ar malandro. — Bem, é melhor ir andando para a base, que tenho muito lixo para recolher.

— Também está na hora de eu voltar. O meu tio já deve estar a perguntar-se o que me terá acontecido.

— Vais contar-lhe?

— Não sejas palerma — riu ela. Levantou-se e sacudiu a areia do corpo, compondo o biquíni.

Pitt sorriu, pondo-se em pé.

— Porque é que as mulheres parecem todas tão tímidas e castas antes de darem uma queca, mas ficam tão espevitadas e despreocupadas a seguir?

Ela encolheu os ombros, bem disposta.

— Suponho que seja porque o sexo nos liberta de todas as frustrações e faz com que nos sintamos mais ligadas ao mundo. — Os seus olhos castanhos brilharam com intensidade. — Vendo bem as coisas, nós, mulheres, também temos instintos animais.

Pitt deu-lhe uma palmada brincalhona nas nádegas.

— Anda daí. Acompanho-te até casa.

— Tens um caminho longo pela frente. O palacete do meu tio fica nas montanhas por trás de Liminas.

— Onde ficam as montanhas e onde fica Liminas?

— Liminas é uma aldeola que fica a cerca de dez quilómetros por esta estrada acima — disse ela, apontando para norte. — Mas não percebo porque é que me estás a perguntar pelas montanhas. — A mão com que indicava a direcção desviou-se para as encostas que ficavam no interior, a cerca de dois quilómetros do outro lado da estrada. — O que é que chamas àquilo?

— Na Califórnia, de onde venho, a todas as elevações que tenha menos de novecentos metros de altura, chamamos-lhes *montes*.

— Vocês, ianques, estão sempre a puxar a brasa à vossa sardinha.

— É um dos passatempos favoritos da América.

Andaram sem pressa pelo caminho acima, afastando-se da enseada. Na berma da estrada, ao lado do alcatrão, estava um Mini-Cooper

desportivo, descapotável. A cor verde-escura do carro pequenino mal se via por baixo de uma camada exterior de poeira de Thássos.

— O que achas do meu fenomenal carro de corrida? — perguntou Teri, orgulhosa.

Pitt riu-se; não tanto da afirmação exagerada, mas mais do emprego britânico da palavra *fenomenal* em alusão a um carro.

— Caramba!, não está nada mal — disse ele, imitando a pronúncia dela. — É teu?

— Sim, comprei-o novo em Londres, ainda no mês passado, e trouxe-o pessoalmente por estrada desde Le Havre.

— Quanto tempo vais ficar em casa do teu tio?

— Tirei três meses de férias, por isso passo cá mais seis semanas, no mínimo. Depois volto de barco para casa. Atravessar o continente de carro foi giro, mas demasiado cansativo.

Pitt abriu a porta para ela entrar, e Teri deslizou para frente do volante. Passou algum tempo a apalpar por debaixo do banco e tirou dali um conjunto de chaves. Inseriu uma delas na ignição e ligou o motor. O tubo de escape tossiu uma vez e, então, começou a funcionar com um rosnido desagradável.

Ele encostou-se à porta coberta de poeira e beijou-a ao de leve.

— Espero que o teu tio não fique à minha espera de caçadeira em riste.

— Não te preocupes, o mais provável é que desate a falar pelos cotovelos. Gosta de homens da Força Aérea. Foi aviador na Primeira Guerra Mundial.

— Não me digas — respondeu Pitt com sarcasmo. — Aposto que diz que voou ao lado do Richthofen.

— Oh, não, nunca estive em França. Combateu aqui mesmo, na Grécia.

O sarcasmo de Pitt esfumou-se e foi substituído por um calafrio arrepiante. Agarrou a porta com força, até ficar com os nós dos dedos brancos.

— O teu tio alguma vez te falou do... Kurt Heibert?

— Muitas vezes. Costumavam voar juntos em patrulha. — Meteu o carro em primeira. Depois sorriu e acenou com a mão. — Até logo à noite. Não chegues atrasado, fofo. Adeus.

Antes que Pitt pudesse dizer mais uma palavra, o carro-anão fugiu pela estrada acima. Viu-o rosnar até desaparecer ao longe, indo para norte. Viu-o passar como um fôgacho verde empoeirado por cima de uma lomba e a última coisa que vislumbrou foram os cabelos de Teri agitados ao vento.

O calor já começava a tornar-se desconfortável. Apaticamente, deu meia volta e começou a caminhada de regresso à base aérea. Pisou um objecto afiado com o pé descalço e roçou pragas entre dentes enquanto saltava ao pé-coxinho, tentando tirar um espinho da planta do outro pé. Tendo-o arrancado, furioso, do calcanhar, atirou-o para dentro de um arbusto na berma da estrada. Seguiu, agora, atento ao chão para evitar picar-se novamente, quando reparou num rasto de pegadas. Quem quer que tivesse deixado as marcas, calçava sapatos de solas ferradas.

Pitt ajoelhou-se e estudou os desenhos no chão. Distinguia claramente as marcas que ele e Teri haviam deixado, já que ambos estavam descalços. Os seus lábios curvaram-se de modo severo. Em diversos sítios, as marcas deixadas por um par de sapatos cobriam as dos pés descalços. Alguém tinha perseguido Teri até à praia, reflectiu. Levantou uma mão para proteger os olhos, apontando-os para o Sol. Ainda era bastante cedo, portanto, decidiu-se a seguir aquela pista.

As pegadas levaram-no até meio do caminho de acesso à praia, depois desviaram-se na direcção dos rochedos. Era aí que terminava a trilha, portanto transpôs a superfície escarpada e tornou a apanhar o rasto do outro lado. As pegadas viravam novamente na direcção da estrada, desta feita um pouco mais afastadas do caminho. Pitt arranhou o braço num galho coberto de espinhos que lhe desenhou pequenos fios de sangue na pele sem que desse por isso. Estava a começar a transpirar quando chegou à estrada. Finalmente, as pegadas dos sapatos ferrados terminaram, dando lugar às marcas fundas de pneus. O piso dos pneus deixara um par de padrões peculiares em forma de diamantes na poeira que ladeava o alcatrão.

Não havia trânsito à vista em nenhum sentido, portanto Pitt estendeu calmamente a toalha no meio da estrada, sentou-se em cima dela e começou a recriar na sua cabeça o que teria acontecido.

Quem quer que tivesse vindo espiar Teri estacionara ali, caminhara até ao carro dela e seguira-a pelo caminho abaixo. Mas antes de ter chegado à praia, o espião devia ter ouvido vozes, por isso mudara de direcção para ir a coberto da noite até às rochas, onde se terá escondido para vigiar Pitt e a rapariga. Depois de a aurora ter começado a iluminar o céu, o intruso regressara à estrada, usando as rochas para esconder as suas movimentações.

Era um *puzzle* elementar e todas as peças encaixavam bem, excluindo o facto de ainda faltarem três. Porque teria Teri sido seguida e por quem? Pitt teve uma ideia e sorriu de si para consigo. A resposta mais simples para essa pergunta seria muito provavelmente: um

mirone da vizinhança. Nesse caso, o observador vira mais do que esperava.

Apertou-se um nó no estômago de Pitt. A terceira peça em falta era a que mais o incomodava. Algo teimava em não encaixar no seu raciocínio lógico. Tornou a olhar para as marcas dos pneus. Eram demasiado grandes para terem sido feitas por um carro vulgar. Só podiam ter sido deixadas por um veículo mais imponente, como, por exemplo, uma camioneta. As suas pálpebras estreitaram-se e o seu cérebro começou a trabalhar. Era natural que não tivesse ouvido Teri chegar de carro, pois estava a dormir. Provavelmente, a camioneta teria chegado de mansinho e parado sem fazer barulho.

O olhar concentrado de Pitt passou das marcas em forma de diamantes, que os pneus haviam deixado, para a praia. A maré começava a subir na areia, apagando todos os sinais de actividade humana recente. Mediu a distância entre a estrada e a praia e começou a formular o problema ao jeito de um professor do quinto ano.

*Se uma camioneta está no ponto A e há duas pessoas na praia, a 75 metros de distância, no ponto B, porque é que essas pessoas não conseguem ouvir o motor da camioneta no silêncio da madrugada?*

Escapava-lhe a resposta, por isso Pitt encolheu os ombros e desistiu. Sacudiu a toalha e, embrulhando-a à volta do pescoço, regressou pela estrada deserta até ao portão principal, a assobiar «*It's a Long Road to Tipperary*» pelo caminho.

### 3.

O JOVEM MARINHEIRO LOIRO SOLTOU AS AMARRAS E A BALEEIRA COM popa em bico, vinte e seis pés de comprimento, fugiu vagarosa da doca improvisada perto de Brady Field, rumando sobre o lençol de água azul na direcção do *First Attempt*. O motor Buda, de quatro cilindros, ia vibrando e empurrando a embarcação robusta a oito nós de velocidade, à medida que expelia um cheiro pestilento a combustível queimado, familiar nas lides náuticas, para cima do convés. Faltavam poucos minutos para as nove, o sol queimava agora mais e nem a aragem marítima oferecia qualquer alívio.

Pitt ficou em pé a ver a costa recuar até a doca se ter tornado como que uma nódoa na linha de rebentação das ondas. Depois içou os seus oitenta e seis quilos para cima dos varões metálicos elevados que cercavam a popa do barco e sentou-se com as nádegas em equilíbrio precário por cima da espuma branca deixada pela embarcação na sua esteira. Daquela posição invulgar, sentia as pulsações do veio do motor, e, olhando directamente para baixo, conseguia ver a hélice lavar o seu caminho dentro de água. A baleeira estava a apenas um quarto de milha do *First Attempt* quando Pitt reparou que o jovem marinheiro que ia ao leme o observava com um ar de certo modo respeitoso.

— Peço desculpa, mas o senhor tem cara de quem já passou algum tempo num barco destes. — O marinheiro loiro apontou com a cabeça para a maneira como Pitt estava sentado nos varões. O jovem tinha um ar algo académico, que implicava a presença de uma inteli-

gência científica. Bem bronzeado pelo sol do Egeu, vestia bermudas e, além disso, nada mais senão uma barba loira, comprida, um pouco rara.

Pitt agarrou-se com uma mão ao poste de iluminação à popa para se equilibrar e apalpou dentro do bolso do peito com a outra, à procura de um cigarro.

— Já tive um assim, quando andava no liceu — respondeu com naturalidade.

— Deve ter vivido perto de água — comentou o jovem marinheiro.

— Em Newport Beach, na Califórnia.

— Isso é uma zona impecável. Costumava ir lá muitas vezes de carro, quando estava a fazer as minhas pós-graduações no Scripps, em La Jolla. — O jovem tripulante esboçou um sorriso de esguelha. — Aquilo é que era um sítio espectacular para engatar miúdas. Deve ter sido uma festa crescer por aqueles lados.

— Há sítios piores para se passar a puberdade. — Já que o rapaz estava a falar com à-vontade, Pitt mudou de assunto. — Então, explique-me lá, que tipos de problemas têm surgido no vosso projecto?

— Correu tudo bem durante as primeiras semanas, mas, assim que descobrimos um local promissor para investigarmos, as coisas deram para o torto e, desde então, temos tido uma série de azares.

— Como por exemplo?...

— Acima de tudo, falhas ao nível do equipamento; cabos partidos, peças desaparecidas ou danificadas, avarias nos geradores e outras coisas do género, como deve imaginar.

Começavam a aproximar-se do *First Attempt* e o jovem marinheiro voltou a prestar atenção ao leme para manobrar o pequeno barco até o encostar à escada de portaló.

Pitt levantou-se e olhou para o navio maior, analisando o seu aspecto exterior. De acordo com os critérios da Marinha, poderia considerar-se que era uma embarcação pequena; pesava oitocentas e vinte toneladas e tinha um total de cento e cinquenta e dois pés de comprimento. Originalmente, a sua quilha fizera parte de um rebocador de longo curso nos estaleiros holandeses de Roterdão antes da Segunda Guerra Mundial. Logo após a invasão alemã dos Países Baixos, a tripulação fugiu com o barco para Inglaterra, onde prestou serviços extraordinários e meritórios durante a guerra, rebocando embarcações torpedeadas e incapacitadas para o porto britânico de Liverpool debaixo dos narizes dos submarinos nazis. Assim que terminaram as hostilidades na Europa, o seu casco gasto e maltratado foi vendido pelo Governo

holandês à Marinha norte-americana, que o colocou prontamente na frota de reserva em Olympia, Washington. Ali ficou durante vinte e cinco longos anos, a dormir dentro de um casulo de plástico cinzento. Então, a recém-criada National Underwater Marine Agency comprou o que restava da embarcação à Marinha e converteu-a num navio oceanográfico moderno, rebaptizando-a: *First Attempt*.

Pitt semicerrou os olhos face à intensidade do brilho reflectido na tinta branca que cobria o barco da proa até à popa. Subiu pela escada e foi recebido no convés por um velho amigo seu, o Comandante Rudi Gunn, timoneiro e director de projectos do navio.

— Estás com bom aspecto — disse Gunn com um ar sisudo —, descontando esses teus olhos vermelhos. — Tirou um cigarro do maço. Antes de o acender, ofereceu também um a Pitt, que abanou a cabeça e levantou a mão, mostrando que já estava servido.

— Ouvi dizer que têm tido problemas — disse Pitt.

O rosto de Gunn tornou-se sombrio.

— Podes crer que temos — respingou. — Não pedi ao Almirante Sandecker que te obrigasse a vir tão longe, desde Washington, só por brincadeira.

Pitt levantou as sobrancelhas, surpreendido. Esta súbita rispidez não condizia com a maneira de estar de Gunn. Em circunstâncias normais, o pequeno comandante era uma pessoa calorosa e bem-disposta.

— Calma, Rudi — disse Pitt brandamente. — Vamos abrigar-nos do sol e podes pôr-me ao corrente desta barafunda.

Gunn retirou os seus óculos com aros de massa e limpou a testa com um lenço amarrotado.

— Desculpa, Dirk. É que nunca tinha visto tanta coisa dar para o torto de uma só vez. Depois do esforço que fizemos para planear este projecto, é incrivelmente frustrante. Suponho que a situação me começa a deixar irritadiço como o raio. Até a tripulação tem andado visivelmente a evitar-me de há três dias para cá.

Pitt pousou um braço no ombro do homem mais baixo e sorriu.

— Prometo que não te evito, mesmo que sejas um sacana intragável.

Gunn ficou por momentos sem expressão, depois pareceu que os seus olhos se encheram de uma sensação de alívio, atirou a cabeça para trás e riu-se.

— Graças a Deus vieste. — Apertou o braço de Pitt com força. — Podes não desvendar mistério nenhum, mas pelo menos vou ficar muito mais bem-disposto só por te ter aqui. — Voltou-se e apontou para a proa. — Anda daí, que o meu camarote fica lá à frente.

Pitt seguiu atrás de Gunn por uma escada íngreme acima até chegar ao pavimento seguinte e entrar numa pequena cabina que devia ter sido desenhada por um fabricante de armários. O único conforto que ali havia, e que bem que sabia, era a rajada de ar frio que saía de um ventilador instalado junto ao tecto.

Deteve-se por instantes em frente à ventilação e desfrutou da brisa fresca. Depois sentou-se a cavalo numa cadeira e apoiou-se com os braços cruzados em cima das costas do assento, à espera que Gunn o pusesse a par da situação.

Gunn fechou a vigia e permaneceu em pé.

— Antes de começar, deixa-me perguntar-te: o que sabes da nossa expedição no Egeu?

— Só ouvi dizer que o *First Attempt* estava a investigar o Mediterrâneo com propósitos de natureza zoológica.

Gunn ficou especado a olhar para ele, incrédulo.

— O Almirante não te deu dados pormenorizados a respeito deste projecto antes de teres partido de Washington?

Pitt acendeu mais um cigarro.

— Onde é que foste buscar a ideia de que vim directamente da Capital?

— Não sei — disse Gunn, hesitante. — Parti do princípio que...

Pitt interrompeu-o com um sorriso.

— Há mais de quatro meses que não passo pelos Estados Unidos. — Soprou uma baforada de fumo na direcção do ventilador e viu a névoa azul redemoinhar até desaparecer. — A mensagem que recebeste do Sandecker limitou-se a anunciar que me ia enviar directamente para Thássos. É óbvio que se esqueceu de mencionar a origem da minha viagem e a hora da chegada. Como tal, esperavas que tivesse chegado de avião no céu azul há quatro dias.

— Mais uma vez, peço desculpa — disse Gunn, encolhendo os ombros. — Claro que tens razão. Calculei que precisasses de dois dias, no máximo, para vires desde a Capital naquele teu pato de ferro-velho. Ontem, quando finalmente chegaste e deste de caras com aquele fiasco em Brady Field, segundo o meu calendário já vinhas com quatro dias de atraso.

— Não houve volta a dar-lhe. Eu e o Giordino recebemos instruções para levarmos provisões de avião para uma estação de investigação no gelo, e acampámos num banco de gelo a norte de Spitsbergen. Logo depois de termos aterrado, fomos apanhados por uma tempestade de neve que nos obrigou a ficar mais de setenta e duas horas em terra.



Gunn riu-se.

— Está visto que voaste de uma temperatura extrema para a diametralmente oposta.

Pitt não respondeu, limitando-se a sorrir.

Gunn abriu a gaveta de cima de uma pequena secretária compacta e entregou a Pitt um envelope grande, que continha vários desenhos de um peixe esquisito.

— Alguma vez viste uma coisa assim?

Pitt deixou cair o olhar sobre os desenhos. Eram maioritariamente representações de um mesmo peixe da autoria de artistas diferentes, contudo, todas elas variavam em relação a determinados pormenores. O primeiro era uma ilustração da Grécia antiga na superfície de um vaso. Outro fora nitidamente parte de um fresco romano. Reparou que dois deles eram desenhos estilizados mais modernos, representando o peixe numa série de movimentos diferentes. O último era uma fotografia de um fóssil engastado em arenito. Pitt levantou o olhar para Gunn, interrogativo.

Gunn entregou-lhe uma lupa.

— Toma, vê mais de perto, com isto.

Pitt ajustou a altura da lente grossa e examinou minuciosamente cada uma das imagens. À primeira vista, o peixe parecia ter dimensões e formas semelhantes às do atum-rabilho, mas observando-o de perto, as barbatanas pélvicas assemelhavam-se a pequenas patas unidas por membranas interdigitais. Tinha mais dois membros idênticos situados mesmo à frente da barbatana dorsal.

Assobiou baixinho.

— É um exemplar esquisito, Rudi. Como se chama?

— Não sei pronunciar o nome em latim, mas os cientistas a bordo do *First Attempt* deram-lhe a alcunha carinhosa de *Teaser*.

— A que propósito?

— Porque, de acordo com todas as leis da natureza, esse peixe devia estar extinto há mais de duzentos milhões de anos. Mas como se vê nesses desenhos, continua a haver quem afirme tê-lo visto. A cada cinquenta ou sessenta anos que passam, aparece um ror de gente a dizer que o avistou, mas para azar dos cientistas, ainda nunca ninguém apanhou um *Teaser*. — Gunn deitou um olhar a Pitt e tornou a olhar para outro lado. — Se tal peixe existir mesmo, deve ter muita sorte na vida. Existem literalmente centenas de depoimentos de pescadores e cientistas que são capazes de nos olhar nos olhos, com o ar mais sério do mundo, e afirmar que já tiveram um *Teaser* no anzol ou na rede, mas antes que tivessem podido puxá-lo para o convés, escapou-se. To-

dos os zoólogos do mundo dariam o testículo esquerdo para pôr as unhas num exemplar vivo, ou mesmo morto desse peixe.

Pitt esmagou o seu cigarro num cinzeiro.

— O que é que torna este peixe em particular tão importante?

Gunn levantou os desenhos.

— Repara que os artistas nunca estiveram de acordo sobre a camada exterior de pele. Ilustram-no ora com escamas minúsculas, ora com pele lisa como os golfinhos, e houve um que até lhe acrescentou uma camada de pêlo, como têm os leões-marinhos. Agora, se juntarmos a possibilidade de ter pele e pêlo à de ter determinados membros, pode ser que estejamos perante as origens remotas do primeiro mamífero.

— É verdade, mas se a pele for lisa, não tens aqui nada mais do que um réptil primitivo. Naquele período, a Terra estava cheia deles.

Os olhos de Gunn espelharam um ar confiante.

— O próximo factor a ter em consideração é que os *Teasers* habitavam em águas mornas, de pouca profundidade, e, de acordo com os arquivos, todas as ocasiões em que foram avistados tiveram lugar a menos de três milhas da costa, e todas elas tiveram lugar aqui, no Mediterrâneo oriental, onde a temperatura média à superfície raramente baixa dos dezasseis e meio graus Celsius.

— E o que é que isso demonstra? — perguntou Pitt.

— Nada de concreto, mas como os mamíferos primitivos sobreviviam melhor em climas mais temperados, dá alguma consistência à possibilidade de terem sobrevivido até hoje.

Pitt olhou para Gunn, pensativo.

— Lamento, Rudi, mas ainda não me convenceste.

— Já sabia que és teimoso — disse Gunn. — Foi por isso que deixei a parte mais interessante para o fim. — Fez uma pausa, retirou os óculos e limpou as lentes com um lenço de papel. Depois instalou os aros pretos sobre o seu nariz aquilino. Continuou a falar como se estivesse perdido num devaneio. — No Período Triássico do calendário geológico, e antes de os Himalaias e os Alpes terem despontado, havia um mar imenso que cobria o território onde hoje ficam a Índia e o Tibete. Estendia-se também até à Europa Central e terminava no Mar do Norte. Os geólogos designam esse outrora impressionante lençol de água por Mar de Tétis. Dele só restam hoje os mares Negro, Cáspio e Mediterrâneo.

— Vais ter de perdoar a minha ignorância sobre os períodos geológicos — atalhou Pitt —, mas o Período Triássico foi quando?

— Entre cento e oitenta e duzentos e trinta milhões de anos atrás

— respondeu Gunn. — Durante esse intervalo, ocorreu um importante avanço evolucionário nos animais vertebrados à medida que os répteis demonstravam ter dado um grande salto em relação aos seus antepassados mais primitivos. Alguns dos répteis marinhos chegaram a atingir dimensões de sete metros de comprimento e tornaram-se nuns bichos lixados. O evento mais notável foi a introdução dos primeiros dinossauros verdadeiros, que até aprenderam a andar apoiados nas patas traseiras, usando a cauda como se fosse um tipo de bengala.

Pitt inclinou-se para trás e esticou as pernas.

— Julgava que a era dos dinossauros tinha vindo muito mais tarde. Gunn riu-se.

— Viste demasiados filmes antigos. Calculo que estejas a pensar nos monstros que eram sempre representados nos primeiros filmes de ficção científica, a ameaçarem uma tribo de homens das cavernas cabeludos. Essas histórias não podiam passar sem um brontossauro de quarenta toneladas, ou um tiranossauro feroz, ou um pteranodonte a voar atrás de uma heroína seminua, mamalhuda, pelo meio de uma selva primitiva. Na realidade, esses dinossauros mais famosos apareceram na Terra e extinguiram-se sessenta milhões de anos antes do nascimento do Homem.

— Onde é que o teu peixe aberrante encaixa nesse quadro?

— Imagina, se fizeres favor, um *Teaser* com um metro de comprimento, que viveu, brincou, fez amor e acabou por morrer algures no Mar de Tétis. Ninguém prestou atenção enquanto o corpo dessa criatura obscura se afundava lentamente no lodo vermelho do leito marinho. Essa sepultura passou despercebida, foi coberta de sedimentos que endureceram tornando-se arenito e deixando uma camada fina de carbono. Foram esses vestígios de carbono que registaram os contornos dos tecidos e da estrutura óssea do *Teaser* nos estratos circundantes. Os anos foram-se sucedendo e acabaram por passar milénios. Os milénios tornaram-se numa eternidade, até que, num dia ameno de Primavera, duzentos milhões de anos mais tarde, um agricultor na povoação austríaca de Neunkirchen bateu com o arado numa superfície dura. E pronto, o nosso *Teaser*, se bem que hoje numa versão quase perfeitamente fossilizada, tornou a aparecer. — Gunn hesitou e passou uma mão pela cabeça coberta de cabelo cada vez mais raro. O seu rosto parecia pálido e cansado, mas os seus olhos ardiam de entusiasmo enquanto falava do *Teaser*. — Não te podes esquecer de um elemento de importância vital: quando o *Teaser* morreu não existiam aves nem abelhas, não existiam mamíferos com pêlo nem borboletas delicadas, nem sequer as flores tinham ainda surgido na Terra.

Pitt tornou a estudar a fotografia do fóssil.

— Não parece possível que um ser vivo sobreviva tanto tempo sem sofrer mudanças evolutivas drásticas.

— Se seria incrível?, sim, mas já aconteceu antes. O tubarão está conosco há trezentos e cinquenta milhões de anos. O caranguejo-feradura existe virtualmente inalterado há mais de duzentos milhões de anos. Depois, é claro que temos o exemplo clássico: o celacanto.

— Sim, já ouvi falar dele — disse Pitt. — Esse é aquele peixe que foi considerado extinto durante setenta milhões de anos até terem começado a encontrar exemplares ao largo da costa oriental africana.

Gunn assentiu com a cabeça.

— O celacanto foi uma descoberta sensacional e importante na altura, mas nada que se compare com o que o meio científico teria a ganhar se lhe conseguíssemos servir um *Teaser* de bandeja. — Gunn parou um momento para acender outro cigarro. Os seus olhos brilhavam com a mais absoluta concentração. — Bem feitas as contas, toda esta conversa se resume ao seguinte: o *Teaser* pode ter sido um elo primitivo na evolução dos mamíferos, o que inclui o *Homem*. O que eu não te contei foi que o fóssil descoberto na Áustria apresenta características anatómicas definitivamente comparáveis às dos mamíferos. Os membros salientes e outras características dos seus órgãos internos colocam-no numa linha evolutiva perfeita para progredir mais ou menos na direcção do desenvolvimento dos humanos e de outros animais.

Pitt tornou a olhar indolentemente para os retratos.

— Se este dito *fóssil vivo* continua a nadar por aí e mantém as suas formas originais, como poderia ele avançar para um degrau evolutivo mais adiantado?

— Todas as espécies vegetais e animais funcionam como famílias — respondeu Gunn. — Um ramo genealógico pode produzir descendentes de dimensões e traços uniformes, enquanto que os primos nascidos do outro lado da montanha podem produzir uma raça de gigantes bicéfalos com quatro braços.

Pitt começava a impacientar-se. Abriu a porta e saiu para o convés. O ar quente bateu-lhe no rosto como se fosse uma nuvem de vapor e ele fez uma careta. Tantas despesas e tantos homens a trabalharem como cães para apanharem um raio de um peixe, pensou. Quem é que quer saber se os nossos antepassados eram macacos ou eram peixes — o que é que isso importa? De qualquer maneira, ao ritmo a que a humanidade se está a precipitar para a auto-destruição, é provável que se extinga dentro de mil anos, se tanto. Voltou-se para a entrada escura da cabina e encarou Gunn.

— Está bem — disse Pitt devagar. — Já percebi o que tu e o teu barco cheio de crânios universitários procuram. Agora, a única dúvida que me resta é a seguinte: o que tenho eu que ver com isso? Se os vossos problemas têm sido relacionados com cabos partidos, geradores defeituosos ou ferramentas desaparecidas, não precisam de mim, precisam de um bom mecânico que saiba tomar conta do equipamento.

Gunn ficou com um ar momentaneamente baralhado, depois riu-se.

— Estou a ver que andaste a arrancar informação do Dr. Knight.

— Dr. Knight?

— Sim, Ken Knight, o jovem que te foi buscar na baleeira hoje de manhã. É um especialista francamente brilhante em geofísica marinha.

— Essa descrição impõe respeito — disse Pitt. — Pareceu-me bastante simpático durante a viagem até cá, mas não posso dizer que me tenha dado a impressão de ser brilhante.

O calor lá fora começava a tornar-se insuportável e a balastrada metálica brilhava ameaçadoramente. Pitt, sem pensar, pôs a mão no ferro e amaldiçoou-se imediatamente, assim que escaldou a palma como se tivesse tocado num tição. De súbito, a dor provocou-lhe uma sensação de imensa irritação e voltou para a cabina, batendo com a porta.

— Vamos lá saltar a conversa da treta — exigiu Pitt rispidamente. — Diz-me só que milagre esperas que eu faça para te servir um *Teaser* de bandeja e ponho já mãos à obra. — Deitou-se no beliche de Gunn e respirou fundo, relaxando à medida que a frescura do camarote de luxo o tornava a acalmar. Olhou para o outro lado da sala, para Gunn. A cara deste mantinha-se inexpressiva, mas Pitt conhecia-o suficientemente bem para perceber o seu mal-estar. Sorriu, estendeu o braço e agarrou Gunn pelo ombro. — Não quero com isto parecer mercenário, mas se queres que me junte à tua pequena tripulação de piratas científicos, vais ter de me pagar um copo. Este paleio todo deixa um homem cheio de sede.

Gunn riu-se, aliviado, e pediu pelo intercomunicador que trouxessem algumas pedras de gelo da cozinha do navio. Depois retirou uma garrafa de Chivas Regal e dois copos da gaveta de baixo da secretária.

— Enquanto esperamos pelo gelo, talvez possas dar uma vista de olhos a este relatório que preparei sobre as avarias no nosso equipamento. — Passou uma pasta amarela para as mãos de Pitt. — Descrevi todos os incidentes ao pormenor e por ordem cronológica. De início pensei que não tivessem passado de acidentes, ou azares, mas já ultrapassámos, e muito, os limites da mera coincidência.

— Tens provas de que houve alguma interferência ou sabotagem?  
— quis saber Pitt.

— Absolutamente nenhuma.

— O cabo partido de que o Knight me falou foi cortado?

Gunn encolheu os ombros.

— Não. Tinha as pontas esgaçadas, mas esse é outro mistério. Já te explico. — Gunn fez uma pausa e despejou um pouco de cinza do cigarro. — Trabalhamos com uma margem de segurança de cinco para um. Por exemplo: se as especificações de um cabo determinam que existe o perigo de partir se for sujeito a uma carga igual ou superior a onze mil duzentos e cinquenta quilos, nunca o sujeitamos a cargas superiores a dois mil duzentos e cinquenta. Graças a essa margem de segurança folgada, a NUMA ainda não sofreu um único acidente mortal nos seus projectos. As vidas são-nos mais importantes do que as descobertas científicas. As expedições submarinas são arriscadas e há uma longa lista de antecessores nossos que faleceram na tentativa de desvendar novos segredos dos mares.

— Qual era a margem de segurança quando o cabo partiu?

— Estava quase a chegar aí. Era de quase seis para um. Só estava sujeito a uma carga de mil oitocentos e setenta e cinco quilos na altura. Foi uma grande sorte que ninguém se tenha magoado com a chicotada do cabo ao partir-se.

— Posso ver o cabo?

— Sim, mandei cortar as duas pontas do cabo partido e guardámo-las até tu chegares.

Ecoou uma pancada forte na porta e um rapaz ruivo, que não teria mais de dezoito, dezanove anos, entrou na cabina com um pequeno balde de gelo. Pousou-o na secretária e virou-se para Gunn.

— Precisa de mais alguma coisa, Comandante?

— Por acaso, preciso — disse Gunn. — Vá ao paiol do mestre, procure as pontas daquele cabo que se partiu há uns dias, e traga-as para aqui.

— Sim, senhor. — O rapaz deu meia volta e apressou-se a sair do camarote.

— É da tua guarnição? — perguntou Pitt.

Gunn distribuiu o gelo pelos copos e serviu o *scotch*. Entregou um copo ao outro.

— Sim. Temos oito marinheiros e catorze cientistas a bordo.

Pitt fez rodopiar o líquido amarelo à volta dos cubos de gelo.

— Há alguma possibilidade de uma dessas vinte e duas pessoas ser responsável pelos vossos problemas?

Gunn abanou a cabeça negativamente.

— Já pensei nisso, até sonhei com o assunto e analisei os registos pessoais de todos os tripulantes pelo menos cinquenta vezes, mas não consigo imaginar que motivo poderia algum deles ter para empatar o projecto. — Gunn parou para beber um gole do seu copo. — Não. Tenho a certeza que a resistência vem de outro lado qualquer. Inexplícavelmente, alguém quer impedir-nos de apanhar um peixe que talvez nem sequer exista.

O rapaz não tardou a voltar com as duas pontas do cabo partido. Entregou o aço enarançado a Gunn e abandonou a cabina, fechando a porta à saída.

Pitt bebeu mais um gole de *scotch* e desceu do beliche. Pousou o copo na secretária de Gunn e levantou o cabo nas mãos, estudando as pontas de perto.

Parecia um cabo de aço oleoso igual aos outros. Cada uma das secções tinha cerca de sessenta centímetros de comprimento e continha dois mil e quatrocentos fios enarançados, perfazendo um cabo vulgar com dezasseis milímetros de diâmetro. O cabo não estava partido de maneira uniforme. As quebras surgiam em pontos diferentes de cada fio, dispersas por um intervalo de quarenta centímetros à volta de cada troço do cabo, o que conferia às duas pontas esgarçadas o aspecto de um par de rabos-de-cavalo desiguais e desfiados.

Houve algo que chamou a atenção de Pitt, que pegou na lupa e espreitou através da lente grossa. Os seus olhos brilhavam intensamente e os seus lábios abriram-se pouco a pouco num sorriso satisfeito e presunçoso. Começaram a correr-lhe nas veias o entusiasmo e a curiosidade de sempre. Afinal, talvez esta operação venha a ser interessante, pensou.

— Vês alguma coisa? — perguntou Gunn.

— Sim, vejo muito — respondeu Pitt. — Algures pelo caminho, fizeste um inimigo que não te quer a pescar no território dele.

Gunn ficou com a cara vermelha e abriu muito os olhos.

— O que é que descobriste?

— O cabo foi cortado de propósito — disse Pitt num tom muito frio.

— Como assim: «foi cortado»? — protestou Gunn. — Onde é que vês indícios de que alguém mexeu nisso?

Pitt levantou a lupa para Gunn analisar melhor as provas.

— Estás a ver como os cortes descem em espiral e os fios se dobram para dentro quanto mais perto do centro do cabo se encontram? E repara como parecem ter sido maltratados. Se um cabo com este

diâmetro for puxado em direcções opostas até partir, os fios ficam com aspecto de terem sofrido um corte limpo e tendem a ficar com as pontas viradas para fora a partir do miolo. Não foi isso o que aconteceu neste caso.

Gunn olhou fixamente para o cabo estragado.

— Não estou a entender. O que poderia ter provocado isto?

Por momentos, Pitt ficou com um ar pensativo.

— Eu aposto que alguém usou *Primacord*.

Gunn ficou pasmado. Os seus olhos esbugalharam-se por detrás dos óculos grossos.

— Deves estar a brincar. Isso não é um explosivo?

— É, sim — disse Pitt calmamente. — *Primacord* parece um cordel, ou uma corda, e pode ser preparado com a espessura que se quiser. Essencialmente, é usado para deitar árvores abaixo e para detonar ao mesmo tempo várias cargas explosivas dispersas de forma muito espaçada. Reage como um rastilho aceso, embora arda e rebente muito depressa, quase à velocidade da luz.

— Mas como é que alguém pode colocar explosivos debaixo de um barco sem ser visto? A água é perfeitamente límpida nesta zona. Temos visibilidade para mais de cem pés de profundidade. Um dos cientistas, ou um dos marinheiros teria visto qualquer intruso... Isso para não falar do facto de uma explosão ser coisa que se ouça.

— Antes de tentar responder a essa questão, deixa-me fazer-te duas perguntas. Que equipamento estava preso ao cabo quando partiu? E a que horas descobriram que se tinha partido?

— O cabo estava amarrado a uma câmara de descompressão submersível. Os mergulhadores têm trabalhado a cinquenta e cinco metros de profundidade, e tornou-se necessário começarem a fazer a descompressão dentro de água, durante longos períodos de tempo, para nos prevenirmos contra a doença de descompressão. Descobrimos o cabo partido por volta das sete da manhã, logo depois do pequeno-almoço.

— Calculo que tenham deixado a câmara dentro de água a noite toda.

— Não — respondeu Gunn. — Temos o hábito de baixar a câmara antes de o sol nascer, para estar posicionada e pronta para receber os mergulhadores no caso de haver alguma emergência de madrugada.

— Aí tens a tua explicação! — exclamou Pitt. — Alguém nadou até ao cabo a coberto da escuridão antes da alvorada e detonou o *Primacord*. Têm visibilidade para cem metros de profundidade depois de o sol nascer, mas à noite ninguém vê um palmo à frente.

— E o barulho da explosão?



— Elementar, caro Gunn — riu Pitt. — Imagino que uma pequena quantidade de *Primacord*, detonada a aproximadamente vinte e cinco metros de profundidade, faria um ruído em tudo semelhante aos dos F-105 Starfires supersónicos de Brady Field.

Gunn olhou respeitosamente para Pitt. Era uma teoria essencialmente consistente, e era óbvio que havia poucos pormenores que lhe ocorresse debater. A sua testa enrugou-se.

— O que fazemos agora?

Pitt acabou o *scotch* de um só trago e bateu com o copo na mesa de Gunn.

— Deixa-te ficar em salmoura e vai lá à pesca do teu *Teaser*. Eu vou voltar à ilha para ver se caço alguma coisa em terra. Talvez haja alguma relação entre as tuas dificuldades e o ataque de ontem a Brady Field. O próximo passo será descobrir quem está por trás desta barafunda e com que motivação.

A porta abriu-se de rompante e saltou um homem para dentro da cabina. Vestia apenas um par de calções de banho abreviados e um cinturão largo, que segurava uma faca e um saco de malha de nylon. Os seus cabelos molhados, queimados pelo sol, eram intercalados com madeixas loiras esbranquiçadas, o seu o nariz e o seu peito salpicados com sardas. Ali plantado, pingava água no tapete à volta dos seus pés, deixando manchas escuras que alastravam no chão.

— Comandante Gunn — gritou com excitação. — Vi um! Vi mesmo um *Teaser* a menos de três metros da minha máscara.

Gunn levantou-se de um salto.

— Tens a certeza? Olhaste bem para ele?

— Melhor do que isso, Comandante, tirei-lhe uma fotografia.

O homem do nariz sardento ficou a rir-se com os dentes todos à mostra.

— Se ao menos tivesse levado uma arma, talvez tivesse conseguido apanhá-lo, mas em vez disso estava a disparar com a máquina fotográfica para formações de corais.

— Despacha-te — atalhou Gunn. — Leva o rolo para o laboratório e manda revelar.

— Sim, senhor. — O sujeito voltou-se e saiu a correr pela porta, molhando Pitt com meia dúzia de gotas de água salgada pelo caminho.

Gunn ficou com um ar contente mas determinado.

— Meu Deus. E pensar que estava prestes a desistir, a meter o rabo entre as pernas e a voltar para casa. Agora, raios partam, hei-de ficar aqui fundeado até morrer de velho ou apanhar um *Teaser*. — Os

seus olhos brilharam quando olhou para Pitt. — Bem, Major, o que me diz disto?

Pitt apenas encolheu os ombros.

— Pessoalmente, prefiro pescar miúdas. — Com muito pouco esforço, o seu espírito esqueceu o assunto em mãos e deu forma a uma imagem tantalizante de Teri com o seu biquíni encarnado na praia.

## 4.

PASSAVA POUCO DAS CINCO QUANDO PITT REGRESSOU ÀS SUAS INSTALAÇÕES em Brady Field. Segundos depois de ter despido a roupa peganhenta, estava debaixo do chuveiro, firmemente encafuado de costas no chão da cabina apertada. Mal cabia lá dentro; tinha a cabeça torta para encaixar num canto, as costas rente ao piso de azulejos molhados, e as pernas peludas espetadas de pés para o ar, fazendo um ângulo de noventa graus no canto oposto. Qualquer pessoa que espreitasse para ali julgaria que era uma posição contorcida, uma tortura para os ossos, mas Pitt achava-a profundamente confortável e agradável. Quando havia tempo para isso, descontraía-se sempre desta forma no chuveiro. Às vezes adormecia, mas geralmente aproveitava aquele ambiente de chuva simulada e aquela solidão para pensar. Neste momento, tinha um universo de perguntas difíceis a fervilhar na cabeça.

Foi brincando mentalmente com os factos e as incógnitas, procurando um fio condutor e tentando concentrar-se nos problemas mais importantes. Era escusado. Não tinha mão nos pensamentos e o seu cérebro teimava em remoer o enigma menor e inconsequente da camioneta silenciosa ao pé da praia.

Por qualquer razão inexplicável, esse enigma irritava-o e esforçou-se, em vão, por sacudi-lo da cabeça, onde insistia em permanecer. Finalmente rendeu-se, fechou os olhos e recriou o sucedido, na esperança de visualizar algum sinal ou uma solução.

De repente, materializou-se uma figura desfocada do lado oposto da porta da cabina.

— Tudo bem aí dentro? — troou a voz de Giordino por cima do som da água corrente. — Há quase meia hora que estás aí enfiado. Já deves estar encharcado até aos ossos.

Pitt resignou-se àquela interrupção, levantou o braço e fechou a torneira.

— É melhor despachares-te — gritou Giordino. Depois apercebeu-se de que a água já não estava a correr. Baixou o tom de voz. — Vem aí o Coronel Lewis – pode chegar a qualquer momento.

Pitt suspirou. Deslocando o corpo para se sentar, debateu-se desajeitadamente até se pôr de pé, por pouco não escorregando no chão molhado. Voou uma toalha por cima da porta da cabina, caindo-lhe enrodilhada em cima da cabeça. A mera ideia de ser espicaçado e pressionado para impressionar um oficial superior eriçou-lhe os pêlos no cachaço. Deitou um olhar fulminante através do vidro fosco.

— Diz ao Coronel Lewis que bem pode coçar-se enquanto espera. — A voz saiu-lhe com uma sonoridade satisfatoriamente gélida. — Saio daqui quando me der na telha — resumiu, sucinto. — Agora põe-te a andar para fora da minha casa de banho, sacana, antes que te espete uma barra de sabão pelo rabo acima. — De repente, Pitt sentiu um calor nas faces. Realmente não tinha a intenção de ser bruto com o seu velho amigo. Imediatamente arrependido, sentiu-se culpado. — Desculpa, Al. Estava para aqui entretido a pensar.

— Não te preocupes. — Sem mais uma palavra, Giordino encolheu os ombros e saiu da casa de banho, fechando a porta atrás de si.

Pitt enxugou o corpo esguio com convicção e fez a barba. Depois de ter terminado, soprou os pequenos pêlos pretos para fora da máquina de barbear eléctrica sem fios e deu meia dúzia de palmadas na cara com loção de *aftershave* British Sterling. Quando entrou no quarto, tinha Giordino e o Coronel Lewis à sua espera.

Lewis estava sentado na borda da cama e a retorcer uma das pontas de um bigodaço ruivo e farfalhudo. O seu rosto grande e rosado, com olhos azuis pestanejantes, bem como o matagal que tinha sobre o lábio superior, dava-lhe o aspecto de um lenhador bonacheirão. Era um homem de gestos e discurso rápidos, quase bruscos, dando a Pitt a impressão de que o Coronel tinha meio quilo de vidro moído nas virilhas.

— Peço desculpa por aparecer assim, sem aviso — troou Lewis —, mas estou interessado em saber se descobriu, ou não, algo de substancial a respeito do ataque de ontem.

Pitt estava nu, mas pouco ralado com isso.

— Não, nada de definitivo. Tenho diversos palpites e meia dúzia de ideias, mas muito poucos factos concretos para construir uma hipótese credível.

— Tinha esperança que tropeçasse nalguma pista. A minha Unidade de Investigação Aérea voltou de mãos a abanar.

— Encontraram algum sinal do Albatros? — quis saber Pitt.

Lewis passou uma mão pela testa suada.

— Se aquele chaço se despenhou no mar, não deixou marcas; nem sequer uma mancha de óleo. O avião e o piloto devem ter desaparecido sem deixar rasto.

— Talvez tenham ido parar ao continente — propôs Giordino.

— Negativo — respondeu Lewis. — Não encontrámos lá ninguém que o tivesse visto a voar naquelas bandas.

Giordino assentiu, de acordo.

— Um avião antigo, pintado de amarelo vivo e com uma velocidade máxima de cento e sessenta em cinco quilómetros por hora, só poderia dar nas vistas se sobrevoasse o estreito a caminho da Macedónia.

Lewis puxou de um maço de tabaco.

— O que me faz mais confusão é o facto de o ataque ter sido bem planeado e executado. Quem fez o assalto à base sabia que não havia voos com chegada ou partida marcada para a hora em que metralhou a pista.

Pitt abotoou a camisa e compôs as folhas de carvalho douradas que lhe guarneciam os ombros.

— Essa informação não seria difícil de obter, já que, provavelmente, toda a população de Thássos sabe que Brady Field se torna numa base fantasma aos domingos. Aliás, tudo o que aconteceu parece ter seguido uma estratégia em tudo semelhante à do ataque japonês em Pearl Harbor, inclusive o pormenor de o avião se ter esgueirado através de um desfiladeiro na cadeia montanhosa da ilha.

Lewis acendeu o seu cigarro, com cuidado para não chamuscar o bigode.

— Tem razão, claro, mas não há dúvida de que a sua chegada inesperada no hidroavião apanhou o atacante desprevenido, e a nós também. O nosso radar não detectou o seu Catalina porque voou os últimos trezentos e vinte quilómetros a baixa altitude. — Soprou uma nuvem de fumo. — Nem sei dizer-lhe como foi bem-vinda a surpresa de ver o seu passarão descer a pique com o sol por trás.

— Também devemos ter surpreendido o nosso amigo do Alba-

tros — riu Giordino. — Devia ter visto o queixo dele a cair quando se virou e nos viu pela primeira vez.

Pitt acabou de dar o nó na gravata.

— Ninguém estava a contar connosco, porque o meu plano de voo não incluía nenhuma passagem por Brady Field. A ideia original era amarar junto ao *First Attempt*. Por isso o nosso avião fantasma e a torre de controlo de Brady Field não estavam a par da nossa hora de chegada prevista. — Fez um intervalo, reflectindo de olhos fixos em Lewis. — Aconselho-o vivamente, Coronel, a adoptar todas as medidas defensivas. Tenho a sensação de que não foi a última vez que vimos o Albatros amarelo.

Lewis levantou o olhar para Pitt com curiosidade.

— Porque está tão certo de que ele vai voltar?

Os olhos de Pitt iluminaram-se.

— Ele tinha algum objectivo definido quando atacou Brady Field, e não veio para matar os seus homens nem para destruir aviões da frota dos Estados Unidos. O plano era simplesmente semear o pânico.

— O que teria ele a ganhar com isso? — perguntou Giordino.

— Pára para pensar um bocadinho. — Pitt baixou o olhar para o relógio, depois olhou para Lewis. — Se esta situação parecesse ser verdadeiramente ameaçadora e perigosa, Coronel, o senhor teria de mandar evacuar todos os civis americanos para o continente.

— Sim, é verdade — admitiu Lewis. — Mas de momento não vejo razão para adoptar essa medida. O Governo grego assegurou-me de que oferece total cooperação nas buscas para encontrar o piloto e o avião.

— Mas se estivesse convencido de que tinha razões para isso — insistiu Pitt —, não daria também ordens ao Comandante Gunn para retirar o *First Attempt* das imediações de Thássos?

Lewis semicerrou os olhos.

— Claro que sim, por precaução. Aquele barco branco dá um alvo bem convidativo para quem o queira abater do céu.

Pitt abriu o seu Zippo e acendeu um cigarro.

— Quer creia quer não, Coronel, é essa a resposta à sua dúvida.

Giordino e Lewis trocaram um olhar entre si e depois fitaram Pitt, atropalhados.

Pitt prosseguiu:

— Como sabe, Coronel, o Almirante Sandecker deu instruções para que eu e o Giordino viéssemos a Thássos investigar alguns azares estranhos que ocorreram durante as operações da NUMA ao largo da ilha. Hoje de manhã, em conversa com o Comandante Gunn, descobri

indícios de sabotagem que me levam a crer que existe uma ligação real entre o ataque à base e os acidentes a bordo do *First Attempt*. Agora, se levarmos esse raciocínio um passo mais à frente, começamos a perceber que Brady Field não era o objectivo principal do nosso adversário reencarnado. O assalto foi a penas um meio indirecto de retirar o Comandante Gunn e o *First Attempt* das águas de Thássos.

Lewis olhou para Pitt com um ar reflexivo.

— Suponho que a próxima dúvida seja: porquê?

— Para isso ainda não tenho resposta — disse Pitt. — Mas estou certo de que o nosso amigo misterioso com queda para o teatro tem razões muito fortes para o que faz. Não se daria ao trabalho de usar meios tão tortuosos por meia dúzia de patacos. É muito provável que esteja a esconder algo de grande valor e que os investigadores da NUMA a bordo do navio estejam em risco de o encontrar por acaso.

— Esse *algo* a que se refere pode ser um tesouro submerso. — Os lábios de Lewis reluziram, salivados.

Pitt tirou um barrete militar da mala e poisou-o inclinado na cabeça.

— Essa é uma conclusão óbvia a que podemos chegar.

Transpareceu uma expressão distante no olhar de Lewis, que disse brandamente:

— Pergunto-me o que será, e quanto poderá valer?

Pitt voltou-se para Giordino.

— Al, contacta o Almirante Sandecker e pede-lhe que pesquise todos os tesouros perdidos ou submersos que possam estar ainda no Mar Egeu, à beira de Thássos, e diz-lhe para nos enviar a informação logo que possível. Deixa claro que é urgente.

— Dito e feito — disse Giordino. — São onze da manhã em Washington, por isso devemos ter resposta à hora do pequeno-almoço.

— Assim já estamos a chegar a algum lado — troou Lewis. — Quanto mais cedo tiver respostas para as minhas dúvidas, mais cedo o Pentágono deixa de apertar comigo. Há alguma coisa com que vos possa ajudar?

Pitt tornou a olhar para o relógio.

— Como dizem os escuteiros: esteja *sempre alerta*. Presentemente, não podemos fazer mais do que isso. Aposto que Brady Field e o *First Attempt* estão sob estreita vigilância. Quando se tornar evidente que ninguém foi evacuado e que o navio oceanográfico continua nas águas do Egeu, podemos contar com mais uma visita do Albatros amarelo. O Coronel já teve direito a festa. Aposto que agora é a vez do Comandante Gunn.

— Faça o favor de dizer ao Comandante — respondeu Lewis — que lhe darei toda a assistência que me for possível.

— Obrigado, Coronel — disse Pitt —, mas não me parece que seja boa ideia avisar o Comandante Gunn tão cedo.

— Por amor de Deus! Porque não? — soprou Giordino.

Os lábios de Pitt estenderam-se num esgar frio.

— Para já, isto não passa de conjectura. Além do mais, qualquer preparativo a bordo do *First Attempt* denunciaria desde logo as nossas intenções. Não. Temos de engodar o nosso fantasma desconhecido da Primeira Guerra Mundial para o convenceremos a mostrar a cara.

Giordino olhou Pitt nos olhos.

— Não podes pôr em perigo as vidas dos cientistas e tripulantes do navio sem lhes dares oportunidade para se defenderem.

— O Gunn não está em perigo iminente. De certeza que o nosso piloto-fantasma vai esperar pelo menos mais um dia, para ver se o *First Attempt* se vai embora, antes de tornar a atacar. — Pitt sorriu até ficar com rugas de boa-disposição vincadas nas esquinas dos olhos. — Entretanto, vou pôr os meus talentos criativos em acção para preparar uma armadilha.

Lewis levantou-se e voltou-se para Pitt.

— Para bem dos homens que estão naquele barco, espero que seja coisa bem engendrada.

— Não há plano que seja infalível, Coronel — respondeu Pitt —, enquanto não tiver sido posto em prática.

Giordino encaminhou-se para a porta.

— Vou dar um salto à base de operações para mandar a mensagem ao Almirante.

— Assim que estiver pronto — disse Lewis —, venha jantar aos meus aposentos. — Revirando o seu bigode, voltou-se para Pitt. — Também está convidado. Vou oferecer-vos uma autêntica iguaria, a minha famosa especialidade: ostras com cogumelos em molho de vinho branco.

— Deve ser uma delícia — disse Pitt —, mas receio que tenha de rejeitar o seu convite. Já tenho um compromisso para jantar... com uma senhora muito atraente.

Giordino e Lewis não conseguiram evitar ficar de bocas escancaradas, pasmados a olhar para ele.

Pitt tentou fazer um ar indiferente.

— Vai mandar um carro para me vir buscar às seis, ao portão principal. Só tenho dois minutos e trinta segundos para lá chegar, portanto, é melhor ir andando. Boa noite, Coronel, e obrigado pelo convi-



te. Espero que aceite adiar-lo para mais tarde. — Virou-se para Giordino. — Al, avisa-me assim que tiveres resposta do Almirante. — Pitt deu meia volta, abriu a porta e saiu da divisão.

Lewis abanou a cabeça devagar.

— Ele está a gozar connosco, ou tem mesmo jantar marcado com uma moça?

— Não me lembro de o Dirk alguma vez ter mentido quanto a mulheres, Coronel — disse Giordino. Começava a divertir-se com o estado de choque em que Lewis se encontrava.

— Mas onde é que a conheceu? Tanto quanto sei, não foi a lado nenhum, só estive na base e no navio.

Giordino encolheu os ombros.

— Não faço ideia. Mas conhecendo o Pitt como o conheço, não me admirava se tivesse engatado uma miúda nos cem metros entre o portão e a plataforma de carga do *First Attempt*.

Lewis encheu a divisão com uma gargalhada ribombante.

— Bem, venha daí, Capitão. Não sou uma gaja boa, mas ao menos sei cozinhar. Que tal lhe parecem umas ostras?

— E porque não? — disse Giordino. — É a melhor proposta que eu recebi hoje.